

Stadium

SPORTING-BENFICA

Albano é um jogador que não pára quieto. Neste salto ágil procura o pequeno leão destruir a defesa de Rogério — mas o jogador do Benfica também foi oportuno e o perigo passou. Sidónio está pronto para o que for preciso...



Foto: NUNES DE ALMEIDA

N.º 256

29 DE OUTUBRO DE 1947

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

O título - à mercê do SPORTING

Despojada da «questão» principal a competição viverá de outros «interesses»...

Crónica de TAVARES DA SILVA

Aoitava jornada colocou o Sporting numa situação invejável. O seu avanço é, agora, tendo succumbido o Benfica, de tal maneira folgado, que nem uma derrota nos dois encontros que ainda faltam conseguirá tirar-lhe o título, que tem já a forma do corpo sportinguista. Compete aos leões defrontarem, no degrau do próximo domingo, em sua casa, o Oriental; e no degrau que fecha a Taça de Honra o Estoril no rectângulo da Amoreira.

Sem dúvida, esta situação invejável tirou interesse à competição, visto estar virtualmente decidida a questão do título. Mais um pergaminho emoldura a vitória de honra leonina. Mas um campeonato, por fortuna, não tem apenas o interesse da palavra campeão, apesar desta ideia preencher quase totalmente os torneios. Há ainda outros interesses que valorizam as competições. Na hipótese em causa, não é indiferente para os concorrentes o posto da classificação, mesmo afastado o interesse n.º 1, e o problema do último também está a complicar-se. As duas jornadas não são para deitar fora.

No passado domingo verificaram-se os seguintes resultados:

Sporting ... 3 — Benfica ... 1
Oriental ... 1 — Belenenses ... 0
Estoril ... 6 — Atlético ... 4

A luta Sporting-Benfica irradiou uma luz que ofuscou por completo as outras duas lutas! O encontro teve a emoção característica das partidas entre forças equilibradas e irredutivelmente adversárias, vivendo os adeptos de ambas as cores momentos de grande ansiedade.

O Sporting conseguiu vencer, vindo, no entanto, a sua tarefa facilitada pelos chamados *acidentes do jogo*. Também, em Marvila, sendo certo que a vitória representou o prémio justo de um grande esforço e de uma desmedida tenacidade, a expulsão de um elemento benelenense deve ter contribuído decisivamente para a solução do encontro.

Já na Amoreira, o aspecto saliente da partida, com as suas forças em igualdade de circunstâncias, está no labor acerto e eficiente de ambos os ataques. Há a impressão, aliás, fundamentada, de que as defesas não estiveram à altura das linhas avançadas.

A tabela apresenta-se nestes números: Sporting 20 pontos, 5 vit., 2 emp., 1 der., 33-13; Estoril 17, 4 vit., 1 emp., 3 der., 29-27; Benfica 16, 3 vit., 2 emp., 3 der.,

21-14; Atlético 15, 2 vit., 3 emp., e 3 der., 16-22; Belenenses 14, 3 vit., 5 der., 7-13; Oriental 14 pontos, 2 vitórias, e 2 empates e 4 derrotas, 10 bolas contra 27.

A surpresa da jornada está no resultado de Marvila, tendo como consequência o igualar de pontos entre o Oriental e Belenenses. É evidente e inofismável a baixa benelenense, mas também poderá concluir-se com proveito para o futebol lisboeta que as seis forças se aproximam umas das outras mais do que nunca. Quase se tocando.

A alteração mais sensível da tabela exprime-se na subida do Estoril para o 2.º posto e na descida do Benfica para o 3.º. Todavia, pondo de lado o primeiro posto, dado que os clubes se encontram a um ponto um dos outros, é natural que ainda haja reboliço!

Há factores que influem na qualidade do jogo e nos resultados. O Sporting-Benfica assim o prova, mais uma vez. A lei das lesões operou em cheio, colocando uma das equipas em situação de inferioridade. Bem sabemos que a maldad da lei não escolhe adversários, e a vez chega a todos: o que sucedeu hoje a um, já sucedeu ontem a outro e sucederá amanhã a outro, ou caprichosamente poderá também repetir-se. Mas isso não quer dizer que o facto não seja apontado como elemento esclaecedor. Especialmente quando os grupos atingidos pela desgraça revelam força e poderio, comandando em certa medida a situação.

A partida do Estádio Alvalade deve cindir-se em dois períodos: enquanto os *leões* estiveram completos; e depois que se deu a amputação do Benfica.

O que se passou numa e noutra fase é muito diferente: a primeira tem como fundo a cor vermelha, se bem que pouco intensa; a segunda é de forte colorido verde-branco. Não podemos saber o que se teria passado se o jogo se desenvolvesse em condições normais, mas é lícito concluir que nessa hipótese tanto poderia vencer o Sporting como o Benfica, ainda que este se mostrasse mais ameaçador...

Vejam os casos as coisas se passariam. O Benfica entrou no campo na ideia bem assente de ataque, e, assim, os primeiros golpes deram-lhe duas oportunidades mortais que, por imperícia de remate, não foram aproveitadas. Pelo tempo adiante, mesmo depois de Félix se ter magoado, à meia hora, o Benfica não deixou com efecti-

vidade de desenvolver perigosamente os seus avanços. Seus dianteiros infiltravam-se com facilidade, dando-nos a sensação de que a defesa sportinguista, algo desarticulada, não era capaz de conter e dominar em termos idóneos essa ofensiva: médios e defesas leoninos não ligavam os seus movimentos, praticando um futebol confuso. Qual a causa? — Carência de velocidade umas vezes; de execução e colocação outras.

O caso é que o próprio ataque sportinguista, tão temido, e com inteira razão! também reflectia a desarticulação de defesa não acertando devidamente o passo. Este ataque executou, na verdade, várias ofensivas, mas contam-se aquelas que mereciam a sua assinatura. Nada! Na primeira parte, a dianteira leoninana pouco fez. E ela não chega a convencer, mesmo, na comparação com a do adversário.

No segundo período, equivalente quase toda a segunda parte, o Benfica viu-se ainda mais danificado, havendo a juntar à lesão de Félix, já na extrema esquerda a fazer número, a eliminação de António Maria. E, então, tudo mudou!

A defesa benfiquense multiplicou os seus esforços, com Moreira à frente de todos, mas aos poucos foi abrindo de acção ao ponto de, no final, quase se entregar. Em contra-partida, o ataque do Sporting cresceu a olhos vistos à medida que o tempo decorria, apesar de todas as atenuantes do adversário, numa demonstração valiosa de fundo, ou de capacidade técnica e física, revelando o seu poder técnico e tático, e dando-nos um belo espectáculo de desenhos, movimentações e golpes. O ataque leonino era, nessa oportunidade, uma onda que rolava incessantemente para as balizas inimigas, destruído que fôra o dique da defesa vermelha, e os dois golos, respectivamente, de Albano e Jesus Correia, sendo feito pessoal eram já obra de todos.

Apesar de estar em manifesta inferioridade física, por causas que desconhecemos, Jesus Correia elevou-se ainda ao de cima de todos, lado a lado com Albano. Sidónio esteve rasado, e os interiores, de boa tarefa, não atingiram ao seu melhor. Dos médios e defesas, Manuel Marques e Moreira forneceram o trabalho mais regular, comportando-se Azevedo como a chave do grupo.

Há quatro unidades, e em diferentes sectores, no Benfica, que merecem o destaque de honra: Rogério conseguiu belas defesas,

e uma delas digna de grandes guardas-redes; Cerqueira portou-se como o sustentáculo dessa defesa, levando a melhor em luta contra Sidónio e tapando o caminho; Moreira parou muitos ataques do inimigo e iniciou muitas flechas benfiquenses; e Espírito Santo deu-nos uma exibição primorosa de agilidade e de marcação, desta vez assente ainda num golo magnífico.

A arbitragem do sr. Luis Villaca teve, caracteristicamente, o punho das arbitragens inferiores, sem uniformidade no critério e sem visão na apreciação dos lances.

Sporting — Azevedo, Juvenal, Marques, Moreira, Barrosa, Veríssimo, Jesus Correia, Vasques, Sidónio, Travassos e Albano.

Benfica — Rogério, Cerqueira, Fernandes, Jacinto, Moreira, Felix, Mário Rui, Arsénio, Espírito Santo, Melão e António Maria.

Resta-nos vincar as características dos desafios disputados em Marvila e no Estoril.

Arbitro — Abel Macedo Pires.
Oriental — Reis, Cruz, Morais, Isidoro, Vicente, Carlos Costa, Augusto, Eleutério, França, Abrantes e Reu.

Belenenses — Sérgio, Vasco, Feliciano, Amaro, Figueiredo, Serafim, Nunes, Viegas, Rocha, Quaresma e Narciso.

O desafio teve fases curiosas, dominando territorialmente ora um ora outro dos contendores. O Oriental, de início, entregou-se à luta corajosa e em toada rápida. Os benenenses, que já deviam contar com um tão grande entusiasmo, calmamente responderam desenvolvendo as suas iniciativas de ataque. Mas, nesse momento, surgiu-lhes uma defesa tenaz — que varria o campo! E tal deve ter desorientado um pouco os atacantes de Belem.

O certo é que os orientais voltaram novamente à área perigosa dos benenenses, e ao conseguirem um golo, que havia de ser o golo solitário da vitória, lançaram definitivamente a desorientação no quadro inimigo. Registraram-se vários incidentes, e num deles o centro-dianteiro F. Rocha recebeu ordem de expulsão.

A sorte do jogo estava ditada. No segundo tempo, os orientais não abrandaram dando o ritmo do equilíbrio à partida. No quarto de hora final, o benenenses fez o supremo esforço, e, no cerco à defesa contrária, um pouco da iniciativa de Amaro, lutou ao menos pelo empate — que sempre lhe fugiu...

No fundo, o Oriental comportou-se como grupo mais equilibrado, (mesmos jogadores em mesmas linhas contribuíram para o facto) notando-se com particular eloquência o desequilíbrio entre o ataque e a defesa de Belem.

No campo da Amoreira, sob a arbitragem de Guilherme Sarree, os grupos alinhavam.

Estoril — Larangeira (ex-Cuf), Pereira, Elói, Oliveira, Nunes, Alberto, Lourenço, Bravo, Mota, Vieira e Raul Silva.

Atlético — Ernesto, Baptista, Armindo 2.º, José Lopes, Armindo 1.º, Morais, Marinho, A.

OS DIRIGENTES

do futebol português

NÃO vimos um filme que correu em Lisboa tendo como fundo assuntos desportivos, por falta de tempo e disposição, mas todos nos disseram que nele se apanhava o trabalho dos dirigentes e se apresentavam estes como pessoas nefastas que desafiavam e atraíam os jogadores, levando-os pelo caminho que directamente conduzia à ruína moral e física, ou, por assim dizer, à perda de uma vida para a sociedade.

Não sabemos, portanto, se, na verdade, assim é, numa obra que pretendia rebuscar na popularidade do jogo a razão do seu êxito, aliás, escasso, pelo que também nos consta. Não importa para o caso. Nós não queremos falar do filme mas sim dos dirigentes e sua obra, os grandes obreiros do futebol português.

Porque, assinala-se o facto, quase todos os elementos ligados à Organização tiram proveitos do futebol, menos os dirigentes: jogadores, árbitros, médicos, treinadores, maquiagens, professores de ginástica, empregados dos organismos e clubes, etc., ganham dinheiro na bola. O próprio jornalista da especialidade colhe, indirectamente, no ponto de vista material, os benefícios da Organização.

Só os dirigentes dão tudo e verdadeiramente nada recebem! Isso não obsta a que sejam os mais caluniados, atirando-se-lhes na conversa dos cafés e um pouco por toda a parte com as viagens ao estrangeiro e a vaidade do cargo. Ora, devemos afirmar, entre parêntesis, que algumas dessas viagens (dizemo-lo com autoridade!) representam ainda um pesado fardo, e a maior parte dos dirigentes também estão acostumados a viajar de sua conta e risco.

E, no entanto, dir-se-á, o dirigente agarra-se ao lugar como o musgo à pedra e por mais discutido e atacado, não o larga senão em última instância. E tudo isso, diremos nós, resulta da «carilice» do dirigente manifestada em muitos aspectos e sob tantas formas.

A verdade é que, em muitos casos, as pessoas são investidas nos lugares, um pouco insensivelmente da sua parte, mas aos poucos dedicam-se de tal maneira que o cargo passa a ser uma das bases fundamentais do seu viver, um pouco o ar que se respira.

Tudo quanto está feito deve-se principalmente aos dirigentes e à sua dedicação desinteressada. E não referiremos o que se passa nos organismos — Federação e Associações — por tal ser ainda um prolongamento clubista.

Pelo menos, em Portugal assim é. Todos conhecemos o tipo de dirigentes que sacrifica a sua vida particular pelo clube, ao qual dá a actividade de horas e horas, de dia e noite, sujeitando-se a coisas de que seria incapaz na sua vida privada! O dirigente que perde quase todas as noites na governação e cujo pensamento constante são as coisas do clube, ao ponto de ser censurado pela própria família que vê desgostosamente, por vezes, a colectividade tirar-lhe o seu elemento mais querido e respeitado!

Mas não fica por aqui a dedicação dos que dirigem. Ela chega mais longe e vai até ao sacrifício monetário. Quantos deles não abrem generosamente a sua bolsa para emprestar ou dar, num momento crítico ou para solucionar qualquer problema! E não nos digam que os que procedem deste modo são ricos, pois é vulgar, vincadamente em colectividades pequenas, os dirigentes darem do seu bolso, dinheiro que muita falta lhes faz...

Certamente, nem todos os dirigentes são modelares e por igual de boa visão ou bem intencionados. Há sempre umas ovelhas ranhosas no rebanho. Mas, de modo geral, o dirigente do futebol português, seja em que sector for, é do tipo que procuramos caracterizar e enaltecer, numa altura em que se pretende insensatamente diminuir a sua bela e extraordinária acção.

Lá fora, em vários países, quase todos os dirigentes são pagos, e nos clubes-empresas retintamente profissionais não se concebe que se trabalhe gratuitamente. Ainda neste aspecto, os clubes portugueses mantêm traços que os distinguem e elevam extraordinariamente. A personalidade dos seus dirigentes é de tal modo e a sua dedicação tão acentuada que a maior parte deles consideraria um agravo receber proveitos pelo seu trabalho. A verdade é só uma: os dirigentes, regra geral, merecem o respeito de nós todos. Não significa isto concordância com todos os seus actos. Mas deve-se-lhe a Organização.

Carreira, Vital, Gregório e Caminhos.

Há desafios que são grandes espectáculos, e está neste caso o Estoril Atlético, por todos os motivos, pela luta renhida que se travou no terreno, mas principalmente pelas variantes do marcador, o qual amidiu funcionou.

O Estoril fez a primeira bola, e logo o Atlético empatou. Vencendo aquele, ao intervalo, por 2-1, o resultado foi colocado em 3-1. Pois bem. Num rompante de energia, o Atlético alcançou 3-3. Marcando ainda mais uma vez o Estoril, o seu adversário ainda

teve ganhas para o empate. Mas foi manifestamente o fim.

O Estoril, melhor base técnica, continuou no mesmo passo e acabou por vencer. O Atlético, baseando-se na energia e folego, gastando mais forças neste processo que nem por dar resultado algumas vezes deixa de ser exortante, acabou por ceder. Raramente se poderá aplicar como desta vez o velho lugar comum, os lugares comuns reflectem verdades, de que vencedores e vencidos foram dignos um do outro.

T. S.

SEGUNDA DIVISÃO DA A. F. L.

AINDA INVENCIVEL

dirige a classificação o Operário F. Clube

AO operário segue-o boa estrela. Não perdea contra o seu rival mais próximo, que dea tudo por tudo na ansia de subir na classificação, e segue no presente campeonato sem uma única derrota.

Joga no seu campo de Chelas, entretanto, mas não lhe foi possível vencer desta vez. Seja como for, a sua posição é invejável, e se no próximo domingo triunfar contra o Arroios — está campeão antes do fim da prova.

A classificação actual é a seguinte:

Operário 8 jogos, 16-8 bolas, 21 pontos; F. Benfica 8 j., 12-6 b., 18 p.; Casa Pia 8 j., 14-13 b., 17 p.; Arroios 8 j., 11-12 b., 15 p.; S. L. Olivais 8 j., 11-16 b., 12 p.; Sacavenense 8 j., 6-15 b., 12 p.

Os casapianos seguram-se...

Na Amadora, o Casa Pia esteve em perigo perante um S. L. e Olivais animado pelo firme desejo de fugir ao ditimo lugar da classificação.

O desafio provocou por isso lutas animadas, tanto do lado dos visitantes como dos visitados, e as 7 bolas obtidas por ambos os grupos dão a certeza de se haver jogado com muito empenho.

O Casa Pia dirigia as operações, chegando mesmo a 4-2. Todavia o S. L. e Olivais empatou por duas vezes e veio a concluir o jogo na situação de melhor equipa.

Marcaram as bolas casapianas: Carvalho, Frasco e Prates (2); os tentos dos Olivais saíram dos pés de Paiva, Moreira e Leonel.

Árbitro o sr. Olímpio Correia e as equipas alinharam do seguinte modo:

Casa Pia — Romão, Frasco e Vasco da Gama; Medeiros, Jale e Paiva; Gouveia, Dias, Prates, Garção e Carvalho.

Olivais — Jale; Correia e Tomás; Frutuoso, Rodrigues e Gaiherme; Paiva II, Agostinho, Moreira, João e Leonel.

Bom resultado sacavenense

Outra equipa que procura conseguir bons resultados neste fim da prova é a do Sacavenense. Deslocou-se para o campo do seu adversário, o Arroios, mas não lhe consentia a vitória. Os dois grupos jogaram de facto com muita igualdade, embora o Arroios, na segunda parte do encontro padecesse forçar a baliza dos visitantes.

O Sacavenense tem agora um jogo que pode ser decisivo, domingo próximo, no seu campo. Joga contra o Olivais, rival e vizinho, e a vitória de qualquer dos lados será definitiva...

No jogo do campo «Manuel Ribeiro da Silva» apresentaram-se as equipas assim formadas:

Arroios — Cardoso; Renato e Ramos Silva; Xavier, Agostinho e Ernesto; Jaime, Parente, Grancho, Dário e Almeida.

Sacavenense — Agostinho; Fausto e Octávio; Domingos, Figueiredo e Alvaro Gomes; Cardoso, Lourenço, Luís Neves, Tancredo e Tristão.

Árbitro o sr. Francisco Garcia.

O Operário está invencível...

Já se disse que o conjunto da Graça, não tendo feito grande resultado, pois empatou no campo de Chelas, que actualmente explora, demonstra claramente que lhe não será agora difícil ganhar o título deste ano.

Que bem merece, deverá afirmar-se. O Operário conseguia já 5 vitórias e 3 empates em 8 jogos, e a despeito de ter eleito, evidentemente, vários encontros fora do seu terreno, não se deixou bater.

O seu adversário de domingo último ainda poderia conquistar o título se tivesse ganho o jogo. Domingo recebe o Casa Pia no seu campo, e tudo se poderia ajustar...

Mas as esperanças devem estar perdidas para todos os adversários da antiga equipa de S. Vicente.

Neste encontro o Operário abriu cedo a marcação de tentos. Aos 5 minutos Aníbal executou um remate que deixou dúvidas sobre se teria ido à rede, mas o árbitro, por certo mais bem colocado, indicou à bola o caminho do centro.

O Futebol Benfica também empatou cedo — aos 10 minutos, por intermédio de Lourenço. E por aqui se ficaram ambos os grupos, que entretanto se exibiram com vontade firme de eliminar a igualdade.

Alinharam:

Operário — Délio; Diamantino e Galileu; Seralim, Rogério e Amorim; Gonçalves, Henrique, Antero, Aníbal e Jesuítas.

Futebol Benfica — Aníbal; Henriques e Diogo; Edmundo, Brito e Nogueira; Concelo, Dias, Lourenço, Jorge e Francisco de Carvalho.

Árbitro José Serandezes.

António Maria foi operado

Vítima de um acidente de jogo, fortuito, o jogador António Maria, do Benfica, foi operado no domingo, à noite, no Hospital de S. José, de fractura do crânio, pelo sr. dr. Domingos Pimenta, por sinal, antigo jogador do Benfica. A operação, muito hábil, decorreu bem, e o estado de António Maria, com o que folgamos, não oferece gravidade.

UMA REPORTAGEM com o luso-argentino MANUEL ROCHA

aproveitar para agradecer por intermédio da *Stadium* — a cuja leitura me dou sempre com prazer — as provas que me têm sido dadas de que o «Belenense» não é mais do que uma família onde fui recebido de braços abertos. Estou a todos muito grato.

Registamos as palavras que nos respeitam e prosseguimos no tiroteio, tentando inquirir das possibilidades dos clubes argentinos.

— São vastas, diz-nos Rocha. Os clubes de primeiro plano, como o River, o S. Lorenzo ou o Boca Juniores, contam com uma massa associativa que anda à volta de 40 a 50 mil pessoas. E isso claro permite-lhes desafogo financeiro.

— E os restantes?

— Contam à roda de 10 a 15 mil sócios os demais clubes da primeira divisão, menos possibilidade, claro, mas o público ocorre sempre em massa aos seus campos, ainda que os encontros não interessem grandemente às classificações, e isso lhes permite o desafogo financeiro, também...

— Instalações?

— Magníficas. Todos os clubes da Divisão maior dispõem de belos estádios, com lotações que vão de 40 a 100 mil espectadores, dotados de recintos para a prática de todos os desportos. As suas sedes constituem quase um agregado populacional, tão dotadas se acham do que é indispensável para que os seus atletas nelas encontrem o que necessitam durante a semana que antecede os grandes encontros, e durante a qual ali se encontram permanentemente.

Esta «prática», que o nosso entrevistado diz ser frequente, pressupõe, evidentemente, a existência de profissionalismo integral, o que queremos confirmar. Manuel Rocha elucida-nos:

— Claro que há. O jogador argentino recebe, em média, mensalmente o que na moeda portuguesa equivale a 15 contos, quando alinha no que aqui se chama «clube grande». Aproximadamente 6 a 7 contos, por mês, quando representando qualquer outro clube. O montante do salário varia com a importância dos jogos e com a classificação da equipa nos torneios. Também o prémio varia consoante se está melhor ou pior classificado, se joga «fora» ou em «casa», etc.

Este último pormenor despertou-nos a atenção, o que fazemos notar ao nosso companheiro.

— Sim, diz-nos ele, o prémio da vitória está em relação com o campo em que se obtém. Se se ganha no «campo próprio» o jogador recebe 150 pesos (cerca de 1.000\$000), se se fica vitorioso no campo do adversário, o prémio sobe ao dobro.

Pensamos imediatamente no que tem sido discutido entre nós a vantagem de jogar «em casa», e não resistimos à recolha de mais uma opinião.

— Sim, creio nela! O desconhecimento do terreno adversário, o inconveniente da deslocação, o ambiente à volta do rectângulo, etc., tudo me leva à conclusão de que se luta em piores condições psicológicas no campo do antagonista. Citar-lhe-ai até este pormenor curioso: o Rosário, em que alinhei na Argentina, jamais saiu derrotado no seu próprio campo durante 4 épocas, e poucas vitórias alcançou nas suas deslocações.

Comparando...

Desviamos agora o rumo à conversa. Interessamo-nos a recolha de opinião sobre o futebol português e o argentino. Perguntamos-lhe, primeiro, o que pensa da equipa que nos visitou a época finda, o S. Lorenzo.

— Um bom «quadro» de futebol. Mas não o melhor da Argentina. Nem sequer com o valor para afirmar sobre qualquer equipa portuguesa, das de primeiro plano, a superioridade que parece ressaltar dos resultados obtidos quando se deslocou aqui. O que tenho visto jogar em Lisboa, leva-me a poder afirmá-lo. Deve ter influido no espírito dos jogadores portugueses qualquer factor que desconheço, mas a verdade é que o S. Lorenzo não pode considerar-se nitidamente superior. Nem sequer o River Plate, que é incontestavelmente o melhor «time» argentino, dispõe dum «quadro» magnífico, onde brilha uma grande «estrela»: O extremo Lusa.

— Que lhe parecem as características do nosso futebol?

— Um pouco diferente do Sul-Americano. Ali, joga-se mais à base de velocidade, de rapidez sobre o terreno, progredindo em toques curtos e precisos. A preparação, de resto, é diferente. Na «marcação» não vejo diferenças sensíveis, a não ser quando ao avançado-centro, que ali joga um pouco mais recuado.

— A equipa do «Belenense»?

— Muito boa na defesa. Há, neste sector, a segurança indispensável para que a equipa jogue confiante. Já o ataque me parece um pouco «desligado» talvez porque os elementos que o compõem estão pouco «jogados» em conjunto. Tenho a certeza, porém, que essa deficiência desaparecerá, pois Scopelli é um treinador bastante entendido.

Falamos-lhe dele.

— Falta de adaptação, ou dificuldade de forma?

— Creio que é assim. À parte o «trique» no joelho direito, que me obriga a novo período de inactividade, sinto-me apto fisicamente, e crente nas minhas possibilidades. Logo que me refaça da lesão procurarei «aclimatar-me», e conto desfazer quaisquer más impressões que tenham ficado das minhas actuações. Os anos não me pesam, como pode julgar-se...

Remate final

Aproveitamos o «pauses» para perguntar:

— Que idade tem?

— Talvez Manuel Rocha tivesse compreendido a subtilidade da pergunta, porque nos diz:

— Conto 33 anos, o que não me parece obstáculo para que continue a praticar futebol. Na América do Sul, sobretudo no Brasil e na Argentina — onde actuei nos «quadros» do Rosário, Boca Juniores, Vasco da Gama e no S. Paulo —, com frequência se vêem jogadores que estão actuando embora já ultrapassassem os 30 anos, como Morenito, De la Uta, e outros. Ali, o declínio duma carreira raramente começa antes dos 32 ou 33 anos. Enquanto me sentir vigoroso, como actualmente, não pensarei no peso dos anos...

E' chegado o momento de encerrar o tiroteio. Fazemo-lo, portanto, obrigando a uma resposta que vá directamente ao seio da família belenense.



Uma fase do treino de Manuel Rocha

VÁRIOS motivos nos aconselhavam uma digressão até ao magnífico Estádio do prestigioso clube que à sua volta reúne, em bloco unido e firme, toda a população ordeira e trabalhadora da zona ocidental da cidade: o «Belenense». O mais imperativo, porém, era ouvir Manuel Rocha, o argentino filho de portugueses, que actualmente enverga a camisola azul onde orgulhosamente se ostenta a Cruz de Cristo, símbolo da grandeza da pátria de seus antepassados.

Curiosidades e revelações...

Começámos, muito naturalmente, por pretender saber o que levava Manuel Rocha à sua deslocação. Não se fez rogado, e à conversa principiou:

— O desejo de conhecer a família, que tenho em Vila-Fernando, perto da Guarda. O mais curioso, porém, é que ainda o não conseguí... Tentarei, no próximo Campeonato Nacional, aproveitar uma deslocação da minha equipa, para o fazer.

— Não foi o futebol que o levou à viagem? prosseguimos.

— De forma alguma, — diz-nos imediatamente. Entretanto, acrescentou, aceitei com muito prazer a oportunidade que se me deparou, logo após a minha chegada, de ingressar num clube da pátria dos meus pais...

— Conta demorar-se entre nós?

Um sorriso, um encolher de ombros, e a resposta:

— Quem pode adivinhar o futuro? Tudo depende de mil pequeninos nada... Por mim, espero não me enganar dizendo-lhe que sim. A prova está em que já cá se encontra minha esposa, que mandei vir para me fixar nesta linda cidade de Lisboa...

— Sempre no Belenense?

Adivinha-se decisão na pronta resposta:

— Claro! Não conto envergar outra camisola. No «Belenense» encontrei em todos — dirigentes, atletas e sócios — carinho, amizade, deferência. Não farei mais, portanto, do que o meu dever, se corresponder com a minha dedicação. Quero, até, se me dá licença,



O simpático argentino admira o seu campo...

— Depreende-se, da sua afirmação, que teremos «homem» para mais algumas épocas, não é assim?

Manuel Rocha tem um sorriso aberto, franco, de confiança nas suas possibilidades, e despede-nos com estas palavras:

— Absolutamente. Com o método de treino imposto pelo competente Scopelli e com a regra que de há muito orienta a minha vida, sem excessos, espero poder defender a equipa belenense por mais alguns anos, ainda, dando-lhe a minha melhor dedicação.

ROSA DE MATOS

Fotos: MAX



Manuel Rocha, brinca com a bola, em pleno treino



Uma coudelaria normanda

Um exclusivo de «Stadium»
Serviço de Crónicas «Extinfor»

O DESPORTO HÍPICO

== Convite para uma viagem ==
através das coudelarias da França

Artigo inédito de Jean TRARIEUX

É sem dúvida porque acabamos de percorrer as esplêndidas pastagens da Normândia e de visitar de novo algumas coudelarias célebres que nos sentimos com alma de apóstolo e com o desejo de dar a conhecer aqueles que as ignoram as alegrias da criação dos cavalos, do ar livre.

Faz parte absolutamente do direito das gentes — e mesmo de muito boa gente! — o facto de nunca ter concedido um momento de atenção à criação do puro-sangue que, na maioria dos casos, julgam mal, com o pretexto de que ele é, durante a sua carreira, o fomentador da Apostia Mútua, cuja voragem, não sem razão, muitas vezes assusta as famílias. É precisamente a essa boa gente que hoje propomos um belo passeio através de algumas coudelarias normandas, passeio que terá a vantagem de juntar o útil ao agradável. E já há muito que se aprecia essa fórmula, visto que foi o poeta latino que imortalizou este verso: *Omne tulit punctum, qui miscuit utile dulci*.

Os maiores centros de criação franceses, para o cavalo puro-sangue, são os três departamentos da Normândia: Cavalos, Orne e Sarthe. São os mais importantes, graças à especial riqueza das pradarias, mas não os únicos, pois encontram-se também coudelarias no Seine-Inférieure, Seine-et-Oise, assim como no Eure e no Oise, sem esquecer, numa região absolutamente diferente, a criação do sudoeste, cujos mais belos ornamentos são os departamentos dos Baixos-Pirineus e do Gers.

A característica inegável da maioria das grandes coudelarias de puro-sangue, que pertencem todas a riquíssimos criadores, é a sua organização perfeita, a maravilhosa impressão que deixam de vida confortável e hospitaleira, o requinte do detalhe, assim como a notável adaptação do conjunto ao seu destino. Quere-se tenha visitado, não longe de Deauville, a famosa coudelaria de Meautry, do barão Edouard de Rothschild, donde saíram tantos vencedores ilustres desde *Sans-Souci II* a *Brantôme*, ou, um pouco mais longe, o estabelecimento do proprietário americano Strassburger, ou ainda a coudelaria que actualmente fornece às corridas francesas o maior número de

exemplares de elite, Fresnay-le-buffard, de Marcel Boussac, ou o delicioso domínio de Chemoultou, perto de Alençon, de Pierre Champion, ou Bois Roussel, ou Saint-Martin-du-Chêne, ou Nonant-le-Pin, ou Victot, etc., etc., o sentimento que se ressentir é por toda a parte o mesmo e, digamo-lo sem falsa vergonha, é simultaneamente, um sentimento de admiração e de inveja. Quando se pensa nas dificuldades múltiplas da existência citadina actual e que não se vê em torno de si, nesses locais privilegiados, senão imagens de abundância e de facilidade, é-se forçado a pensar que os felizes deste mundo não são os habitantes das grandes cidades, mas sim estes homens do ar livre que vivem longe dos ruídos do mundo, no seio da terra nutriente e na paz dos campos.

* * *

O cavalo puro-sangue, de que o *Stud Book* regista e conserva cuidadosamente as origens desde as gerações mais recuadas, é esse magnífico animal de longas linhas e pernas poderosas que simbolicamente vulgarizaram para o uso de toda a gente, a gravura inglesa e os quadros, desenhos, aguarelas, sépias, gravuras, litografias de Carle Vernet, Géricault, Alfred de Dreux, Eugène Lami, J. L. Brown, Edgar Degas, René Price-teau. Tão congenitalmente adaptado quanto possível às suas tarefas futuras, o puro-sangue, reconhecida obra-prima da natureza, não se impõe apenas pelo seu tipo físico, onde o menor

músculo pressupõe o galope, mas ainda, por assim dizer, por qualidades morais, tais como a obediência à lei do homem, a generosidade de coração, o ardor no combate.

Este lutador-nato, de quem mais tarde se exigirão os mais rudes esforços, é um privilegiado do nascimento, precisamente pela beleza, pela perfeição dos locais em que vê a luz do dia. Isto, pelo menos, na maioria dos casos. Desde a sua mais tenra idade, é rodeado dos cuidados mais atenciosos e a sua alimentação é objecto de preocupação quotidiana. Enquanto que outros espécimens da raça cavalgar devem contentar-se com a erva dos prados até que sejam chamados a produzir trabalho, o puro-sangue, apenas desmamado, conhece o sabor da aveia.

Nada á descurado para fazer de cada um deles atletas e dásse-lhes muito porque, muito em breve, pedir-se-lhes-á muito.

Foal, no ano da sua vinda ao mundo, *yearling*, no ano seguinte, o jovem puro-sangue é pois cuidado como o herdeiro de uma coroa real, em virtude de que, no estado presente de prosperidade das corridas, ele represente um valor futuro ainda impossível de fixar, mas de que se pode sempre esperar que ele representará, um dia, uma verdadeira fortuna. E já então, confiante na sua brilhante origem, o comprador eventual não hesita em pagar extremamente caro o *yearling* que é apresentado no leilão, objecto da cubição geral. Na nossa época, fora dos eixos em muita coisa, e sobretudo no que respeita à moeda, um *yearling*, dotado de um bom pai e uma boa mãe, com boa aparência e quatro pernas sãs, vale correntemente três milhões. Compreende-se então que o seu criador, quer ele explore ele próprio a sua carreira de corridas, quer ele venda o jovem presumido prodígio, não regateia a esse valor-ouro toda a sua solicitude.

Verdes e opulentas pastagens normandas, como sois caras aos nossos corações! Cantamos em vosso louvor sem constrangimento, porque vos amamos sem hipocrisia. Quando se pretende vivificar a fé na França, nada há melhor senão percorrer os seus campos e constatar que um bem, em todo o caso, continua a ser o seu apanágio. E esse bem inalienável, deve-o ela às suas fortes virtudes da terra. — J. T.

Ano V — II Série — N.º 256
Lisboa, 29 de Outubro de 1947

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º
Telefone, 45903 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade de
SOCIÉDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRÁVURA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

O Clube Desportivo de Arroios

procura ser um grande clube de desporto em Lisboa

O Clube Desportivo de Arroios pode ser um grande clube de desporto em Lisboa! Esta afirmação foi-nos feita na sala da Direcção do clube por um dos seus dedicados dirigentes, o sr. Arménio Ferreira.

— Não é uma vaga aspiração mas pode ser, sim, uma convincente realidade — continua a dizer-nos o director do Arroios.

— Trabalhamos na ideia constante de transformar esta iniciativa de há 12 anos num caso de importância rodeado de todos os benefícios que as práticas desportivas e de educação física fornecem aos que por elas se interessam. Sim, porque não desejamos apenas um Clube Desportivo de Arroios simplesmente com um bom *team* de futebol, dando-nos o prazer de consecutivas vitórias. Ambicionamos uma colectividade que, pelo seu desenvolvimento, possa dar maior expansão ao ideal em cuja base assentam as práticas desportivas e ainda o aspecto associativo, reunindo à nossa volta todos quantos desejem connosco colaborar, na frequência da nossa sede, nas suas salas de jogo e em todos os variados aspectos sociais que ficam admiravelmente situadas na vida de um clube desportivo, especialmente com as características do nosso, que foi criado e tem vivido apegado ao seu bairro.

— Há então um vasto programa a executar?

— Claro que sim. Temos caminhado nesse sentido, mas muito lentamente.

— Que se torna necessário para mais rapidamente atingirmos esse desenvolvimento?

— O Arroios é o clube desportivo de uma parte da cidade que dia-a-dia aumenta a sua importância populacional. Se nesta vasta zona de Lisboa conseguirmos que compreendam a finalidade do nosso clube e que os seus moradores se interessem pelo futuro da nossa colectividade, rapidamente chegaremos ao nosso fim. Basta que essa compreensão se traduza no aumento de número dos nossos associados. Só isso seria o suficiente para alcançarmos a vida que ambicionamos para o Arroios. O nosso bairro, o Bairro das Colónias, a Alameda D. Afonso Henriques, com os seus moradores e o seu comércio, podem transformar o nosso clube numa colectividade de grande prestígio e de larga projecção na vida desportiva de Lisboa.

— Mas enquanto se luta nessa campanha...

— O Arroios vai consolidando a sua posição desportiva, melhorando a sua colectividade, e as suas instalações.

«Futebol, ciclismo e ténis de mesa, são as nossas primeiras modalidades e em todas elas te-

mos afirmado as nossas possibilidades, traduzindo os resultados conseguidos à nossa vontade e o nosso interesse pelo desenvolvimento desportivo do Arroios.

«Campeão da 3.ª Divisão de futebol na época 1943-46, vencemos o jogo de passagem com o Olivais. E começamos a cuidar melhor do nosso grupo. Certo é

Com convicção, o dirigente do Arroios diz-nos:

— Aproxima-se o Campeonato Nacional e nessa competição esperamos fazer boa figura e conseguirmos bons resultados.

— O ciclismo?

— Temos dedicado à popular modalidade muito interesse, dando assim razão ao entusiasmo



No primeiro plano e da esquerda para a direita: Parente, Granho, Dário e Filipe. De pé: França, Cardoso, Coleis, Ramos, Silva, Almeida e Xavier

que nem sempre o *team* tem dado o rendimento total que seria natural esperar por dispormos de um conjunto de jogadores de boa categoria. Poderíamos mesmo formar dois *teams* de honra sensivelmente iguais em valor técnico — e os jogadores são rapazes do nosso bairro que o conhecido «4.010» treina.

com que os sócios do Arroios acompanham este desporto.

«Com as nossas categorias de Iniciados e Amadores concorreremos a todas as provas e a nossa presença na Volta a Portugal de 1946 é indicativa desse interesse. Há a registar ainda a actividade dos nossos cinco tauristas.

«Depois o ténis de mesa. Outro desporto que gosta no Arroios de muita animação.

«A passagem, no ano passado, à 1.ª Divisão premiou o interesse que temos pelo ténis de mesa.

Arménio Gonçalves dá-nos depois uma novidade.

— Vamos dedicar-nos agora à patinagem. Tendo-nos sido possível conseguir um ringue na Rua de Arroios, o desporto dos patins vai ocupar o seu lugar no clube.

«Um outro desejo nos prende a atenção. Poderemos pôr a funcionar classes de ginástica. Mas para tal torna-se indispensável uma série de obras na nossa sede, com possível alargamento das actuais instalações. Está-se essa possibilidade, esperanças em que alguma coisa se consiga neste sentido.

— A vida associativa?

— Mais de mil sócios. A forma como todos eles acompanham a vida do clube traduz-se nas receitas que aparamos na sede. Em 10 meses obtivemos uma receita de 45 contos, ou seja uma média de 4 a 5 contos por mês.

«E' com outras verbas que contamos, porque de receitas de jogos nem pensar nisso... Dou-lhe um exemplo:

«Em cinco jogos recebemos pouco mais de dois contos de apuro. E ainda no último jogo com o Olivais tivemos um prejuízo de 200 escudos. Continuamos, no entanto, todos esperanças em que uma revisão dos impostos que suportamos venha modificar a nossa situação e permitir-nos cumprir melhor com o programa de desenvolvimento desportivo.

— E' esta a actual vida desportiva do Arroios, acaba por nos dizer Arménio Gonçalves, acompanhando-nos numa visita à sede — num bom primeiro andar na Rua Francisco Sanches com várias salas e gabinetes para recreio e uso dos sócios e o posto médico, devidamente apetrechado, onde o dr. Frontino Nabais verifica e consulta os atletas ao clube.

Fernando Sá

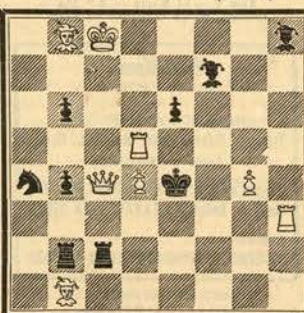
INICIATIVAS DA «STADIUM»

O «match» Luso-Espanhol em Problemas de Xadrez

c) os décimos classificados

Tema Portugal

R. SOARES NOBRE — (Aveiro)

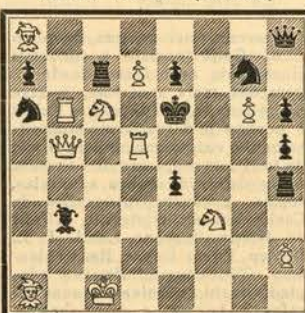


Mate em 2 lances

Classificação: Kipping: 5 pontos (8.º); Seilberger: 1 (12.º) = 6 pontos.

Tema Espanha

EMILIO FREIXA — (Barcelona)



Mate em 2 lances

Classificação: Kipping: 6 pontos (7.º); Seilberger: 2 (11.º) = 8 pontos.

O veredicto do juiz C. S. Kipping: (Tema P, S. Nobre, Sol. 1.Td7) «Aqui de novo se apresentam as conhecidas despregagens de Dama pelo Cavalo, porém a combinação com os mates a descoberto pelo Peão confere-lhe certo cunho de originalidade». (Este problema apresenta um recorde de variantes temáticas (5), e nas duas principais «activas», ocorre um exemplo elemental do tema de «dual evitado». A construção é impecável. Considero injusta a classificação atribuída por J. Seilberger. V. S.).

(Tema E, E. Freixa, Sol. 1.Td2): «Unicamente uma variante temática, mas o facto de actuar sobre 3 casas diz muito a favor deste problema». (Ainda uma vez mais J. Seilberger atribui uma classificação bastante diferente da do seu «colega», sem atender ao valor incontestável duma variante tão complexa, como esta. Os «duals menores» (Bc4, Bc2, Tb7, Txd7) e o aspecto pesado do problema, são talvez a causa da baixa classificação).

Comentários-extras de Vasco Santos

Stadium

ORIENTAL também ganha aos melhores



O guarda-rede belenenses, Sério, prepara-se para uma defesa. Vasco, Serafim e alguns avançados orientalistas seguem o trabalho do jogador de Belem



Boa defesa de Sério. Feliciano e Vasco tomam conta dos adversários



Reis, guarda-rede do Oriental, também vale. Demonstra-o nesta fase



Os dois defesas do Belenenses lutam com França

O CIRCUITO DE CASCAIS



Realizou-se em Cascais um circuito velocipédico, organizado pelo Bela Vista.

Concorreram 35 corredores, entre amadores e iniciados. Tendo ganho na primeira prova o ciclista Emílio Pereira, do Desportivo Marconi, e a segunda Fortano Pereira do Lisgás. Na foto de cima damos um aspecto da corrida; em baixo Emílio Pereira, Maximiano Rôla e Serafim Paulo, primeiro dos amadores.



TIRO AOS POMBOS

Realizou-se o 19.º «Torneio Internacional do Outono» organizado pelo Clube Português.

A prova foi disputadíssima, e na Taça «ibérica» classificou-se em 1.º e 2.º lugares Lazaro Artizabalaga espanhol, e o nosso colaborador fotográfico Manuel de Seixas, cujas fotografias publicamos.



No Mundo da Bola

Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

O "caso" PATALINO

O «Faro de Vigo», numa crónica do seu correspondente Joaquim Nieves, esclarece o caso Patalino.

Assim, sabe-se agora que foi um redactor de «Hoy», de Badajoz, agindo em nome do Atlético de Madrid, que fez ao conhecido jogador a proposta — do qual, afirma o correspondente Nieves, a fama atravessou as fronteiras! — de duzentos mil pesetas pela ficha e quinze mil mensais, mais os direitos dos prémios dos jogos.

Na notícia do jornal espanhol que temos na nossa frente, e isso nos parece ainda mais curioso, diz-se que o avançado-centro do Elvas, além da proposta do Atlético de Madrid, recebeu outras do Sevilha, do Córdoba e do Real de Madrid.

Tudo, porém, Patalino teria recusado — pela sua vida de romance e amor a Elvas.

CONTA-GOTAS

A Direcção Geral não permite que os clubes filiados cedam os seus campos de jogos, por empréstimo ou aluguer, a grupos que não estejam legalizados e devidamente inscritos na hierarquia desportiva.

A medida parece-nos acertadíssima. Se há grupos de pessoas, constituídas em núcleos desportivos, que querem fazer desporto e alguma coisa pelo desporto, devem ingressar nos quadros oficiais — pois serão recebidos de braços abertos. Os esforços dispersos não conduzem a bons resultados, tornando-se necessária a disciplina da actividade de todos. Para não referir, mesmo, a fiscalização em matéria disciplinar e no aspecto médico-desportivo.

Outro dia, no Campo Grande, um assistente alçou uma garrafa para o terreno do jogo. Foi, nitidamente, um acto isolado, sem consequências de maior, não um movimento com qualquer coisa de colectivo, e ao outro dia os jornais não se referiram ao caso.

Lago vários adeptos comentaram que os críticos tinham assim procedido, por se tratar do Benfica.

Somos dos que também fizemos a omissão, propôsildamente. Tratava-se, repetimos, de um gesto isolado e indigno, que mereceu a repulsa do próprio clube no seu órgão oficial. Mas que não teve quaisquer consequências, nem natureza colectiva.

Procederíamos da mesma forma, portanto, se o caso se desse noutra qualquer campo.

As populações associativas de vem, mais do que nunca, por um travão, que dizemos no seu entusiasmo mas na forma de se exteriorizar, devendo lembrar-se de que, como último culpado, surgirá o seu clube e é esse que, mal ou bem, pagará os desmandos dos associados. Eis a medida federalista que contempla o caso:

— Os clubes serão responsáveis pelos actos incorrectos cometidos pelo público para com os árbitros, juizes de linha, dirigentes e jogadores, efectuando-se essa responsabilidade por multa até 5.000\$00, e interdição do campo em casos de maior gravidade.

O sistema em diagonal da arbitragem, que desabituou os juizes de correrem e seguirem o jogo, continua a ser mal aplicado, notando-se ainda, ao fim de várias épocas da sua prática muitas insuficiências e defeitos.

Há uma falta característica, por exemplo, que continua a desacreditar grandemente o sistema. Referimo-nos ao que se passa no meio do terreno, em frente das balizas, ser julgado sempre, sistematicamente, pelos auxiliares no que se refere à marcação de cantos.

O árbitro, quantas vezes, ao pé da bola, inquirido do juiz de linha o que deve marcar, se bolas fora, se canto.

E nós não sabemos que mais admirar: se o impudor do árbitro procedendo do modo apontado; se a coragem do juiz de linha vendo, de longe, o que o árbitro não viu mesmo ao pé...

Ares de Espanha

A Seleção espanhola de futebol continuará a treinar, regular e periodicamente, se não aos domingos, em dias úteis.

Afinal, o treinador Pentland, o famoso «Bimba y Cachimbo», não morreu. A confusão proveio da morte de um seu irmão. Ao menos, Pentland ficou sabendo o que se pensa dele em Espanha...

A equipa argentina Estudantes de la Plata visita a Espanha de 20 de Dezembro a 20 de Janeiro, dis-

CORRE QUE...

Afinal, parece não ir por diante como, aliás, prevíamos, o regime dos 3 Treinadores. Servirá apenas Scopelli, se não se enveredará pelo caminho do treinador nacional.

¶ Há coisas curiosas! Virgílio, do Entonhecimento, presentemente centro-danteiro do Porto, não serviu para o Benfica, quando experimentado. O Diabo tece-as!

¶ Se João de Brito não tivesse aceitado o cargo na Comissão de Seleção, talvez o mesmo fosse desempenhado pelo antigo jogador e árbitro Silvestre Rosmaninho. Chegou a haver conversações nesse sentido.

¶ Os clubes da Província cada vez tem mais receio de enviar os seus homens aos treinos da Seleção. Galola aberta, passaro que vaa...

¶ O Belenenses-Sporting nas Salecias teve um rendimento à volta de 130 contos. O Sporting-Benfica deve ter atingido a casa dos 200. Para Campeonato que se quer matar não é mau de todo!

¶ Capela está matriculado em Coimbra e quando acabar o castigo não jogará mais no Belenenses, mas sim na Académica.

2 Notícias

Para a realização de desafios entre clubes portugueses e estrangeiros, os respectivos pedidos devem dar entrada na Federação com dez dias de antecedência.

Os clubes que acordem em qualquer alteração à ordem dos jogos do Campeonato Nacional, devem participar até quinze dias antes da realização dos respectivos encontros. Caso contrário, o indeferimento é certo.

putando vários encontros. Ficou sem efeito a deslocação do River Plate.

Escartín declarou, após o encontro Valencia-Porto: — «Depois da magnífica demonstração de tática do F. C. do Porto, confirmo a minha opinião de que o futebol espanhol deve mudar radicalmente e adoptar formas modernas.»

Ainda bem que o Porto foi a Valencia. Ao menos, iluminou o Escartín!

O sistema WM e a selecção de Espanha

O problema da selecção espanhola de futebol preocupa tanto os dirigentes da Federação vizinha, que o referido organismo não hesitou em sacrificar o penúltimo domingo, a cinco meses da efectivação do Espanha-Portugal, para realizar em Barcelona, e contra o grupo representativo da Catalunha, um desafio-treino de conjunto, deslocando-se até ali para assistir todos os directores da Federação.

Falar da forma como decorreu o desafio e da actuação dos respectivos elementos seria repetir o que os jornais já disseram. Não nos interessa. Com este «apontamento» pretendemos apenas dar a conhecer o que se passa em Espanha no tocante à implantação do Sistema WM. Isso, de certo modo, não deixará de ter repercussão no futebol português e no próprio desafio ibérico de Março próximo.

A situação é clara! Enquanto que o seleccionador Guilherme Eizaguirre, pretende adoptar o sistema e aplicá-lo, sentindo que a adopção na equipa nacional obriga à sua generalização nos clubes, a oposição mostra-se ainda muito forte. Porque o desafio-treino revelou uma equipa catalã de melhor jogo e mais ligada — como se tal não fosse uma coisa perfeitamente natural! Vejamos, no entanto, várias declarações que dão a conhecer o que se passa em Espanha.

Eizaguirre afirmou que a Seleção de Espanha aplicará o WM se encontrar homens para a execução do sistema, reconhecendo que a Seleção do Resto da Espanha não se compenetrara suficientemente da nova tática.

Lê-se, porém, num jornal com a importância da «Marca», que a vitória foi para quem se deixou da tática em moda.

Em outro jornal: — «Os selecc onadores quiseram pôr em prática o W, e o que vimos foi um desconcerto total nas suas fileiras, pois para essa tática precisa-se de uma colocação que, por desgraça, muy poucos dos nossos jogadores são capazes de ter.»

O presidente da Federação, dr. Muñoz Calero afirmou: «A selecção nacional habituou-se bem à nova técnica no primeiro tempo, mas não no segundo, e não fez jogo de desmarcação.»

Estas transcrições como outras que poderíamos fazer, características, como desconhecimento do Sistema, prova a confusão existente nas fileiras do futebol espanhol. Algum proveito podemos tirar da situação.

O futuro do F.C. do Porto

está assegurado por um programa de realizações de grande vulto



Dr. Cesário Bonito

Vai surgir grande transformação na vida do Futebol Clube do Porto. Uma assembleia geral extraordinária reunir-se-á dentro de dias para apreciar um bem elaborado relatório da direcção dos campeonatos, e como os azuis-brancos portugueses estão em maré alta de entusiasmo, tudo se prepara para uma discussão serena mas ao mesmo tempo apaixonada, toda urdida à sombra de vontades firmes e sérias.

Não se trata de uma reforma simples, ou banal! O problema distinto do Estádio, o «caso grave» da adaptação do velho Campo da Constituição, já virado do avesso nesta altura, o aumento de quotas e o programa orçamental apresentado por um técnico de números, J. A. Dias Ferreira, devem provocar, decididamente, no espírito dos milhares de associados e de amigos, justificada curiosidade.

Pois a nossa Revista será a primeira publicação portuguesa a relatar o acontecimento. Porque de acontecimento se trata. Através de uma acção directiva notável, dando constantes provas de saber e de ter je nos destinos da sua colectividade, puderam os gerentes do «moderno» Futebol Clube do Porto chegar a conclusões verdadeiramente interessantes — que o leitor apreciará se quiser seguir-nos, que o sócio deve discutir no lugar próprio, e que o admirador presente ou ausente pode e deve também conhecer.

Claro que tivemos de nos socorrer de elementos ao alcance da direcção do popular agrupamento da Beira-Douro, mas isso não foi difícil. No F. C. do Porto agasalha-se sempre a imprensa «amigos da casa» no dizer do seu presidente, o dr. Cesário de Moura Brito, alma de académico e de desportista de fina água. No F. C. do Porto só não será recebido «quem lá for por mal», garantem todos os da sua Direcção, e por isso não houve dificuldades em ver e ouvir quanto vai ler-se nesta reportagem...

Os componentes da Direcção

Fala apenas, entretanto, o seu tesoureiro, Elói da Silva, embora o projecto tivesse nascido na

razão matemática de J. A. Dias Ferreira, também dedicado às línhas do clube, uma espécie de tesoureiro «honoris causa» mas sempre na primeira linha. Elói da Silva, mesmo, teve a preocupação constante de instilar no nosso espírito a ideia de que tudo se pensa e se executa por influência dos seus camaradas de gerência.

Garante, honesto de atitudes, desejo de felicitar os seus camaradas:

— O presidente do clube, o dinâmico dr. Cesário, tem dedicado toda a sua inteligência a esta obra. Serve o F. C. do Porto com galhardia, como presidente, como médico, como desportista de temperamento. Augusto Gouveia, que criou a secção de ciclismo, trabalha e dá ao F. C. do Porto quanto se pede em sacrifício; Ivo de Araújo não precisa igualmente de ser lembrado, tantas provas de carinho fornece, tanto esforço produz no sentido de elevar o clube; Manuel Neves é outro soldado dedicadíssimo; e de J. A. Dias Ferreira falo o trabalho que lhe relato nesta altura. Dispensa portanto adjetivos.

— Vê-se que o F. C. do Porto vai passar por uma grande transformação. O Elói começa por nos falar dos colegas, e com certeza estão todos empenhados em obra de muito valor...

— Nós queremos sair, sairemos sem dúvida alguma no fim do ano, visto que já por aqui estamos, com algumas alterações, há épocas, mas antes não de saber todos qual o grau de interesse que tivemos à volta das coisas do nosso clube.

«Não se julgue que esquecemos am só momento as obrigações conferidas pelas assembleias gerais! Que o problema do Estádio haja ficado também no esquecimento ou apareça apenas em véspera de eleições! Que não se tenha visto o grave desperdício de dinheiros com a utilização do Estádio do Lima! E que a situação das nossas equipas de futebol ou de outras modalidades corra à mercê de acaso, da boa ou má sorte!

Um bom treinador e jogadores novos...

— Por onde principiámos, então?

— Pela equipa de futebol. Sabe-se que o F. C. P. não pode apresentar em campo um mau grupo. As tradições do clube são fortes, vivem no espírito do público de Norte a Sul, e daí os nossos esforços no legítimo sentido de melhorar os nossos conjuntos. Fizemos neste caso grandes sacrifícios, trazendo para o nosso

meio jogadores novos e de futuro. Gastão, Ferreira, Angelo e Vergílio (os dois últimos de 19 anos) podem dar boa conta de si, no futuro. Para isso conseguimos um treinador de muita categoria, possivelmente o técnico mais caro dos clubes portugueses, mas Eládio Vnscheto deixa inteiramente satisfeito o jogador, o dirigente e quem assiste às suas sessões. E de uma educação invulgar. Esperamos bastante tempo, mas escolhemos com os cuidados próprios de um clube como o nosso.

«Carlos Nanes, que durante o campeonato (Taça A. F. P.) treinou os nossos rapazes, regressa ao seu posto de capitão geral, lugar que tem ocupado com muita autoridade e dedicação. Por enquanto pouco se poderá dizer, embora a nossa vitória sobre o campeão de Espanha seja significativa. Mas é cedo. Os rapazes, alguns, são novos e precisam de aprender. Pois aprenderão, porque tem treinador capaz de ensinar...

Secções devidamente organizadas

«Nas outras secções — entrou-se em regime novo. Nomeamos um e dois desportistas, que darão vida própria às modalidades que dirigem, tendo contado connosco, como representante da Direcção. Não precisamos de estar constantemente na depen-



Joaquim Elói da Silva

dência das reuniões dos corpos gerentes. Indico-lhe nomes: — Orestes Amaro e Henrique Fábila, no Andebol; Arnaldo Borges, no Atletismo; João Lopes Martins e Manuel Veiga, no Basquetebol; João Rodrigues e Aniceto Brando, no Ciclismo; Carlos Mesquita, o nosso antigo e fino jogador, no Oqueio em campo. E por aí além — que o F. C. do Porto é e continuará a ser um verdadeiro clube desportivo.

— E meios de vida, para as secções?

Rodrigues Teles

(Continua na pág. 12)

Receitas ordinárias:

3.500 sócios de bancada a. 20\$00 —	Esc.	840.000\$00
4.000 sócios de peão a. 10\$00 —	»	480.000\$00
200 senhores a. 10\$00 —	»	24.000\$00
600 menores a. 5\$00 —	»	36.000\$00
7.500 cartões a. 2\$00 —	»	15.000\$00
		1.395.000\$00

A dedazir:

10% para incobrados	139.500\$00	
5% para cobrança	62.775\$00	202.275\$00
Total das receitas ordinárias		1.192.725\$00

Extraordinárias:

Futebol:

Receita de jogos oficiais	300.000\$00
» de jogos particulares	100.000\$00

Ciclismo:

Receitas de festivais	50.000\$00
-----------------------------	------------

Outras modalidades:

Receitas de realizações	20.000\$00
Total das receitas extraordinárias	470.000\$00

Resumo:

Receitas ordinárias	1.192.725\$00
» extraordinárias	470.000\$00
Total	1.662.725\$00



Espírito Santo está de posse da bola e vai rematar às redes de Azevedo. À sua volta — Mário Rui, Marques, Barroza, Veríssimo, Moreira (S), Juvenal e Arsénio



Manuel Marques pede a Moreira «licença para entrar» e devolve o esférico. Arsénio está atento ao lance



Jesus Correia ganha o lance, a despeito da oposição esforçada de Fernandes



O estilo de Arsénio é correcto. Moreira vai em direcção da bola, mas passe foi feito em condições

O SPORTING AFASTA-SE...

Fotos: NUNES DE ALMEIDA



Um golpe de cabeça de Saldanha entrega a bola a Albano. Moreira, que foi um dos grandes no terreno, prepara-se para intervir.

NOTAS DO SPORTING BENFICA

JÁ no penúltimo domingo, o desafio Belenenses-Sporting chamou às Salésias grande assistência. Público no valor de 120 contos. Mas o Sporting-Benfica deu-nos a primeira casa absolutamente chela num campo de ampla lotação como o Estádio Alvalade.

Havemos de concordar que, para um campeonato condenado à morte não é mau de todo! Que falta de interesse!

O Benfica deu de início a impressão de que iria ganhar! Aos 6 minutos, num remate de António Maria a bola embateu no poste, e seguiram-se dois momentos trágicos para o Sporting.

O Sporting reservou-se para o fim. E no fim deu a impressão de que venceria...

HOUVE dois duelos, um dentro do campo e outro fora, entre as assistências...

Quem grita com mais força? Benfica! Benfica! Benfica!

E quem grita com mais força? Sporting! Sporting! Sporting!

O médio Juvenal fez um mau passe a Azevedo, que foi cortado e interceptado pelos benfiquenses. Dois deles, Mário Rui e Espírito Santo ficaram com as balizas à sua mercê, mas acharam a jogada de Juvenal tão má e desagastada que, lealmente, não se aproveitaram da situação...

AOS 32 minutos, Arsénio conduziu perfeita e regularmente a bola serviu Espírito Santo, o qual nos apresentou o modelo em soberbo estilo do golo de bandeira! E as forças ficaram empatadas.

NO começo da 2.ª parte saiu António Maria e a luta passou a desenvolver-se no campo do Benfica. Provando-se mais uma vez ser mais fácil jogar contra dez do que contra onze...

AOS 25 minutos, após um lance de esplêndida factura do já célebre Jesus Correia, o pequeno e elástico Albano deu-nos a curiosidade do chamado golo acrobático! E subiu a cotação do Sporting.

AOS 41 minutos, um dos característicos arrancos de Travassos surtiu efeito! A bola seguiu deste para Albano e depois para Jesus Correia, na figura do golo colocado! E o resultado estava fixado em 2-1 a favor do Sporting.

O Sporting-Benfica que, se não sobrevier um terramoto ou qualquer outro flagelo, conferiu um título aos leões, apresentou-nos uma rica variedade de golos, lances e situações.

Há margem para falar toda a semana. Bastava a arbitragem para haver assunto para um mês. Ou mais!

T. S.



Os punhos de Rogério erguem-se para a bola. Jesus Correia não chegará a tempo



O segundo ponto do Sporting foi assim marcado: Albano, acrobático, deu à bola o caminho da rede, ante a surpresa dos seus adversários. Há momentos felizes...

O LISBOA CLUBE RIO DE JANEIRO

orgulhoso do seu passado, confia no futuro...

O Lisboa Clube Rio de Janeiro ou, como vulgarmente é conhecido, o Rio de Janeiro, é uma colectividade bem característica, instalada, por sinal, num bairro típico — o Bairro Alto — e que, além de tudo o mais, tem o condão de, ao simples enunciar do seu nome, evocar a época de ouro do ciclismo nacional.

Colectividade modesta, não lhe faltam, no entanto, motivos de orgulho. Vale a pena, pois, contar em dois traços a sua história, agora que ela está em festa pela passagem de mais um aniversário.

O actual Lisboa Clube Rio de Janeiro nasceu no dia 1 de Agosto de 1938 da fusão de duas agremiações de características diferentes: o Lisboa Clube, cuja fundação remonta a 26 de Janeiro de 1897, colectividade que conheceu um período aureo e que ao recreio dedicou sempre o melhor da sua atenção, e o União Clube Rio de Janeiro, fundado a 1 de Maio de 1937, grémio fundamentalmente desportivo.

Há, portanto, nove anos que as duas colectividades de características diferentes, é certo, mas que no fundo se completam, se uniram para melhor cumprirem a sua missão. E diga-se desde já, que essa finalidade foi amplamente alcançada. O Rio de Janeiro tem alargado a sua esfera de acção. Continuando a trabalhar no campo desportivo, sempre com belo entusiasmo, não tem descurado, no entanto, as diversas facetas ligadas à actividade recreativa. É a sua obra surge-nos, assim, ao cabo de nove anos, mais bela e mais completa, porque visa, talvez, uma mais alta finalidade social.

FALAR do Rio de Janeiro é evocar, implicitamente, um dos mais animados períodos da nossa velicidade. É que foi envolverando a camisola da popular colectividade da rua da Atalaia que Alfredo Trindade — depois de ter passado discretamente pelo Sporting — venceu a «Volta» de 1932, formando equipa com António Lopes e João Vieira.

O nome do Rio de Janeiro, ligado ao famoso ídolo, andava então, de boca em boca como uma canção popular.

Guiado por dirigentes dedicados, entre os quais é justo recordar os nomes de Francisco José Mateus e de João Ventura Pereira, o Rio de Janeiro marcou uma posição no ciclismo, traduzida por algumas vitórias indiscutivelmente brilhantes: o «Giro do Minho» — duas vezes — uma por intermédio de Valentim Afonso, outra, de Simões Alvito; Porto-Coimbra-Porto, por equipas, com Valentim Afonso, Ladislau Pereira e Simões Alvito; Porto-Vigo-

-Porto; a «Volta a Lisboa» de que saiu vencedor individual o malogrado Alberto Raposo.

Outra modalidade a que o Rio de Janeiro tem dado, em anos sucessivos, belo e valioso contributo: o pugilismo amador. É, digamos, um desporto com tradições dentro do clube. Com efeito, por lá têm passado bons pugilistas, como por exemplo, Jerónimo Gonçalves — actual treinador do clube — que em 1934 foi campeão regional do sul, categoria levíssimos, e que em 1935, a esse título juntou o de campeão nacional. Mais tarde, Jerónimo Gonçalves profissionalizou-se. Walter Pressler, conhecido árbitro, defendendo as cores do Rio de Janeiro, foi, em 1934, campeão regional do sul, categoria meios-leves.

Presentemente, o Rio de Janeiro disfruta de bela posição no pugilismo amador, mantendo seus créditos com galhardia. Na época em curso, é



Esta fotografia que, se por um lado, é natural motivo de orgulho do simpático Rio de Janeiro, por outro, é um documento para a história do ciclismo em Portugal: a equipa que, em 1932, venceu a «Volta a Lisboa», e onde vemos Alfredo Trindade, o inesquecível ciclista que galvanizou o país de lés-a-lés

campeão regional do sul, por intermédio dos seguintes pugilistas: Armando Pons (meio-leve), Manuel Nunes (leve) e João Ramires (meio-médio). A sua actividade tem-se ainda afirmado na organização de várias reuniões.

O Rio de Janeiro está em festa, como acima dizemos, pela passagem do seu nono aniversário. Lá estivemos uma destas noites, tendo por amável cinecore o nosso prezado amigo Silva Lopes.

Dedicando-se, actualmente, à prática do pugilismo, basquetebol, voleibol e ténis de mesa, possuindo

uma massa associativa que ultrapassa três centenas, e dispondo de uma magnífica sede, o Rio de Janeiro olha confiadamente o futuro e, firme no seu posto, deseja cumprir proveitosamente a sua missão.

Tem aspirações, como todas as colectividades, e de entre elas destacamos a criação de um posto médico, um ginásio e um campo para a prática do basquetebol e do voleibol.

Para levar a cabo tais empreendimentos, conta o Rio de Janeiro com a dedicação dos seus sócios e da gente do seu bairro. E bem merece ser acarinhado, o prestante Rio de Janeiro!

Abreu Torres

Campeonato Nacional de 1947-48

1.ª Volta

Primeira Jornada (16 de Nov.)

Atlético-Sporting; Lusitano-Estoril Praia; Porto-Elvas; V. Setúbal-Boavista; Académica-Olhansense; Benfica-S. Braga; Vitória Guimarães Belenenses.

Segunda Jornada (30 de Nov.)

Sporting-V. Guimarães; Estoril Praia-Atlético; Elvas-Lusitano; Boavista-Porto; Olhansense-V. Setúbal; S. Braga-Académica; Belenenses-Benfica.

Terceira Jornada (7 de Dezembro)

Sporting-Estoril Praia; Atlético Elvas; Lusitano-Boavista; Porto-Olhansense; V. Setúbal-S. Braga; Académica-Belenenses; V. Guimarães-Benfica.

Quarta Jornada (14 de Dezembro)

Estoril-V. Guimarães; Elvas-Sporting; Boavista-Atlético; Olhansense-Lusitano; S. Braga-Porto; Belenenses-V. Setúbal; Benfica-Académica.

Quinta Jornada (21 de Dezembro)

Estoril-Elvas; Sporting-Boavista; Atlético-Olhansense; Lusitano-S. Braga; Porto-Belenenses; V. Setúbal-Benfica; V. Guimarães-Académica.

(Sexta Jornada 25 de Dezembro)

Elvas-V. Guimarães; Boavista-Estoril Praia; Olhansense-Sporting; S. Braga-Atlético; Belenenses-Lusitano; Benfica-Porto; Académica-V. Setúbal.

Sétima Jornada (28 de Dezembro)

Elvas-Boavista; Estoril Praia-Olhansense; Sporting-S. Braga; Atlético-Belenenses; Lusitano-Benfica; Porto-Académica; V. Guimarães-V. Setúbal.

Oitava Jornada (1 de Janeiro)

Boavista-V. Guimarães; Olhansense-Elvas; S. Braga-E. Praia; Belenenses-Sporting; Benfica-Atlético; Académica-Lusitano; V. Setúbal-Porto.

Nona Jornada (4 de Janeiro)

Boavista-Olhansense; Elvas-Braga (Sp.); Estoril Praia-Belenenses; Sporting-Benfica; Atlético-Académica; Lusitano-Vitória Setúbal; V. Guimarães-Porto.

Décima Jornada (11 de Janeiro)

Olhansense-V. Guimarães; Braga (Sp.); Boavista; Belenenses-Elvas; Benfica-Estoril Praia; Académica-Sporting; Setúbal-Atlético; Porto-Lusitano.

Décima Primeira Jornada (18 de Janeiro)

Olhansense-Braga (Sp.); Boavista-Belenenses; Elvas-Benfica; Estoril Praia-Académica; Spor-

ting-V. Setúbal; Atlético-Porto; V. Guimarães-Lusitano.

Décima Segunda Jornada (25 de Janeiro)

V. Guimarães-S. Braga; Belenenses-Olhansense; Benfica-Boavista; Académica-Elvas; Setúbal-Estoril Praia; Porto-Sporting; Lusitano-Atlético.

Décima Terceira Jornada (Em 1 de Fevereiro)

S. Braga-Belenenses; Olhansense-Benfica; Boavista-Académica; Elvas-Setúbal; Estoril Praia-Porto; Sporting-Lusitano; Atlético-Guimarães (V.).

Na segunda Volta, os desafios realizam-se nos campos dos clubes indicados em 2.º lugar.

Damos seguidamente as Datas das respectivas jornadas:

Décima Quarta Jornada (8 de Fevereiro)

Décima Quinta Jornada (15 de Fevereiro)

Décima Sexta Jornada (22 de Fevereiro)

Décima Sétima Jornada (29 de Fevereiro)

Décima Oitava Jornada (7 de Março)

Décima Nona Jornada (14 de Março)

Vigésima Jornada (28 de Março)

Vigésima Primeira Jornada (4 de Abril)

Vigésima Segunda Jornada (11 de Abril)

Vigésima Terceira Jornada (18 de Abril)

Vigésima Quarta Jornada (25 de Abril)

Vigésima Quinta Jornada (2 de Maio)

Vigésima Sexta Jornada (9 de Maio)

MOSAICOS

nortenhos...

ARAUJO NÃO TREINO

Não treinou nas Salésias o «internacional» Araújo, que chegou de Valência «tocado». Deve ser submetido, segundo se diz, a exame no Centro de Medicina Desportiva. Por certo se trata de lei a generalizar, a menos que o pobre do rapaz tenha caído em «desgraça».

Seja como for, Araújo será sempre o admirável interior direito do F. C. do Porto, o homem que ainda há uma semana soube demonstrar em Valência como se joga futebol. E há-de continuar, isolado, descendo de Paredes ao Porto e não de Paredes a Lisboa.

PODE SER QUE SEJA...

Um curioso disse-nos à mesa do café que será chamado a treinar um grupo de Portugal o argentino Eladio Vascotto, actualmente no F. C. do Porto.

— Essa agora! O «senhor» ainda chegou há dias e não conhece o futebol português...

— Mas isso não diz nada para o caso. Virá outro jogo «internacional» e Eladio, por ser de justiça, serve de treinador. E como dirige de outra maneira, veremos todos, de jogo para jogo, novo sistema... É um atractivo ou uma brincadeira, mas serve.

— Pode ser que seja!
— Mas também pode ser que não seja...

NOVOS AVANÇADOS

O F. C. do Porto ainda não tem linha definitiva. Segundo bons informes, aguarda-se o regresso de Lourenço, mas para o lugar de extremo-direito. Assim como o de Correia Dias.

Neste caso, o ataque poderá ser: Lourenço, Araújo, Correia Dias, Vergílio e Ferreira.

O actual extremo-direito, Angelo, é ainda muito novo e precisa de «calor». Vergílio tem pouco físico para o centro do terreno, e Ferreira poderá ser um extremo-esquerdo ágil, dinâmico, em substituição do Catolino, «menos bom» que há uns 2 anos.

RABESTANAS MODERNOS...

Leamos em excelente camarada de Coimbra, velho e simpático jornal desportivo, uma correspondência do Porto. Falava-se do prelo final entre os campeões e o Boavista. Dava-se o direito de ter feito melhor ao clube do Bessa. Assim uma espécie de comentário que duvida da vitória dos azuis brancos.

Mas... senhores: era escusado o rapaz vir de Coimbra para o Porto descobrir semelhante coisa!

Há muitos anos, cerca de 30, que se sabe: — o F. C. P. ganha estes campeonatos à custa de uma vaca leiteira que possui!

REGRESSO DE VALÊNCIA...

Indiferentes a coisas que pretendem anular a valiosa cooperação do Norte no desporto nacional, chegaram a esta cidade os valorosos jogadores

na capital do NORTE

Nada de exageros...

TODA a imprensa do país se referiu com vivo entusiasmo à excelente vitória do F. C. do Porto em Valência, tendo por adversário o campeão da 1.ª Liga de Espanha. A nossa Revista foi das primeiras a louvar o comportamento dos nortenhos campeões.

Logo, talvez pareça exagero falar-se no caso. Mas ligeiras notas de reportagem, para dizer que o resultado encheu de orgulho os admiradores do clube portuense, que a chegada dos rapazes foi vitoriosíssima, e que tudo se prepara para tirar conclusões sobre o triunfo.

No entanto, será bom julgar tudo isto com serenidade. O F. C. do Porto, toda a vida conseguiu bons resultados contra equipas estrangeiras, e ainda há pouco derrotou o Madrid por 4-1, embora possuindo má equipa. Assim, embora o 1-0 de Valência possa merecer honras e louvores, talvez não seja descabido afirmar que o poder do futebol portuense está longe de ser igual ao de muitos anos passados.

A vitória é bonita, não oferece qualquer dúvida, mas cautela com os entusiasmos. A vida é bela — mas difícil!

Siska



Uma vitória



Segundo notícias que nos chegam de Valência, através dos jornais, não foi discutida a vitória do F. C. do Porto, — que nós tomamos como triunfo admirável para o futebol português.

Alguns dos jogadores dos campeões portuenses distinguiram-se na luta contra os campeões de Espanha. Vítor Guilhar, por exemplo, além de capitão da equipa, jogou com muita autoridade. Damos-lhe por isso os parabéns. A vitória do F. C. P. foi uma vitória do futebol nacional.

dores que venceram em Valência os campeões da 1.ª Liga de Espanha.

Vinham contentes. Prestigiaram o futebol, depois do 4-1 de Portugal contra a Espanha. Não queriam mais nada. E para quê? Há-de importar muito ao F. C. do Porto que alguém se esqueça dele... Os resultados são eternos e falam expressivamente.

Também não! «O melhor grupo dos últimos tempos» é exagero, e exagero que pode fazer mal à equipa, levando-a a supor que aprendeu tudo. E não é assim. O F. C. P. possui muitos rapazes hábeis para o futebol, sem dúvida alguma, vários jovens capazes de subir, mas daí até o ponto de merecerem adjectivos especiais há uma grande distância...

De mais, reconhece-se que o ataque ainda não poderá cumprir com a sua missão. Precisa de reforma, queiram ou não queiram, e isso temos visto no decorrer dos desafios.

Dos médios para a recarga tudo parece o melhor possível. Aqui, estamos de acordo. Mas o ataque — não. O ataque precisa de muita coisa, e urgentemente, para cumprir com os seus deveres...

O grande guarda-redes que o F. C. do Porto possuiu não pôde resistir à doença grave que há meses o atacára. Os pulmões eram fortes e deram-lhe ainda animo, estoicismo, mas o mal era de morte.

Faleceu na segunda-feira, tendo-se realizado ontem o seu funeral. O publico desportivo do Porto, que tinha por Siska uma adoração profunda, acompanhou o feretro em massa até Agramonte.

Sentimos o seu desaparecimento. Siska valorizou muitíssimo o futebol português.

CURIOSIDADES...

Não podem evitar-se os comentários sobre a chamada de elementos do Porto ao treino da Selecção Nacional. Que tudo isto tem valorizado o trabalho do antigo seleccionador.

♦♦ A propósito: — não se pense que a apreciação «destes factos» pertença apenas à crítica lisboeta. Trata-se da Selecção Nacional...

♦♦ Pensou-se num jogo Porto-Boavista. O F. C. P. não viu o desafio «com bons olhos». Parece que aos campeões não interessa jogar com o grupo do Bessa em desafios particulares. Razões especiais.

♦♦ Porque joga Amaro na Selecção Nacional? Porque sabe. Há tantas coisas dignas de ser ponderadas... Por exemplo: — o duelo Araújo-Vasques (!)

O PRIMEIRO TREINO DA SELECÇÃO

Uma fase do treino



O grupo dos convocados



COMEÇA hoje verdadeiramente a preparação da equipa nacional com vista ao Portugal-França de fins do próximo mês de Novembro. Foram convocados para esta sessão: Azevedo, Barrigana, Alfredo, Feliciano, Amaro, Barrosa, Moreira, Francisco Ferreira, Serafim, Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Travassos, Albano, Araujo e Bravo.

Mas já se realizou na semana passada um treino (não sabemos se é assim que se deve chamar! (de que damos alguns clichés, não sem afirmar que, em boa orientação, não se deveria ter efectuado, pois o desafio-treino das Salésias serviu apenas para lançar a confusão no meio e sobre um problema de tão capital importância como o onze nacional.

Nessa primeira convocação faltaram cinco elementos, alguns deles unidades-chave para o fim em vista. Contra o Atlético, o *team* alinhou com Barrigana, Alberto, Feliciano, Serafim (Boavista), Carvalho, Serafim, Mário Rui, Bravo, Cabrita, e dois elementos das categorias inferiores do Belenenses, entrando no segundo tempo Barrosa e Sousa (Elvas). Os seleccionadores apresentaram o treino como processo de passar em revista os valores da Província, e como escolha de representantes.

Mas procederam de modo a não atingirem os fins que se propunham, dando de barato que tal seria possível. Assim, colocaram jogadores que viam em acção pela primeira vez, ou quase, no desempenho de funções a que esses elementos não estavam habituados. De resto, não tem havido o necessário cuidado na chamada de valores, e a prova está em terem sido escolhidos tanto no regime de preparação como no primeiro treino elementos sem o mínimo de *classe* indispensável. O desafio-treino, dirigido por Sêrio, o guardaredes de Belem, e com os Seleccionadores encostados à baliza e os treinadores aos ferros da vedação, terminou com a vitória do Atlético por 2 (golos de Gregório) a 1 (de Bravo). Queremos acreditar que a preparação do *team* Nacional, esta época felizmente apenas com três provas, entrará no bom rumo. Nem a tarefa, pelos vistos, surge muito complicada, visto as espontâneas declarações do dr. Virgílio Paula, um dos Três: "O grupo terá a mesma composição do ano passado, com o problema forçado do defesa-direito e resolvida a dúvida entre Vasques e Araujo".

DEPOIS DO JOGO...



Os Srs. dr. Vergílio Paula e João de Brito estão atentos...



Três jogadores que foram convocados pela primeira vez: Serafim, Boavista, Carvalho, F. C. P. e Sousa do Elvas



HOMENAGEM a FRANCISCO MEGA

FRANCISCO MEGA, antigo presidente do Belenenses e figura destacada no futebol, foi homenageado num banquete, de cerca de cem pessoas, de todos os clubes e categorias sociais, a propósito de lhe ter sido conferida a Medalha de ouro de Dedicção do Belenenses.

Presidiu o sr. dr. Constantino Fernandes, e falaram muitos oradores, e todos enalteceram a figura do homenageado. Dos discursos daremos apenas breves apontamentos — pela impossibilidade manifesta de os reproduzir.

Constantino Fernandes disse que a obra de Francisco Mega devia ser conhecida dos associados novos e sempre relembrado pelos antigos. Acácio Rosa emocionado, deu o aplauso oficial do clube.

Ribeiro dos Reis disse que a acção do homenageado se tinha feito sentir no momento em que mais era precisa.

Cruz Filipe, vibrantemente, viu a lealdade de F. Mega. Tomás de Aquino trouxe o aplauso profissional, nota sensível ao coração do homenageado. Almeida Amaral analisou a sua obra, dentro e fora do clube.

Raul Vieira relembrou um acto antigo e generoso. Coelho da Fonseca falou do ideal belenenses. Silvestre Rosmaninho relembrou a constituição dada pelo homenageado à organização dos árbitros. António Maria Ribeiro caracterizou a actividade de F. M. como dirigente do Belenenses e seu representante, externamente. João Madeira Mega terminou as suas considerações no seguinte conceito: «o consócio agradecido e o irmão orgulhoso». Maia Loureiro fez a história do arrelvamento das Salésias e da intervenção de F. Mega. E Reis Gonçalves dizendo-se cheio de desenganos e de ilusões e já sem coragem para lutar, exortou o homenageado à luta e engrandecimento do clube.

Ainda, no seu discurso, sóbrio e lúcido, deu Francisco Mega uma prova da sua inteligência. Agradecem as palavras de todos e referiu-se ao trabalho dos dirigentes dentro do clube, prestando justiça à sua acção.

Apresentamo-lo no desempenho dessa missão.

Comentários

Precocidade

As proezas do nadador francês Alex Jany no decurso dos campeonatos europeus em Mônaco, batendo os recordes mundiais dos 100 e 400 metros em estilo livre, juntando-os aos 200 metros que já lhe pertenciam, constituíram acontecimento de grande relevo mundial, parecendo indicar mudança de rumo na supremacia internacional.

Desde sempre, com raras excepções que só confirmaram a regra, a tabela dos recordes mundiais foi privilégio dos americanos e japoneses.

Pois apesar dos rigores da guerra e do peso da derrota sofrida, parece que a tradição se mantém e é em Tóquio que se encontra o mais perigoso rival de Jany: trata-se de um estudante universitário, contando apenas 19 anos e que nos campeonatos japoneses, em piscina de cinquenta metros, bateu por um décimo de segundo o recorde mundial dos 400 metros, pertença do americano Bill Smith, gastando 4 m. 38,4 s.

É certo que, mais recentemente, Jany conseguiu melhor, mas a referência é de ponderar tanto mais, que na mesma jornada o moço nadador, chamado Hironoshin Furuhashi, venceu também os 1.500 metros em 19 m. 15,4 s., tempo excepcional.

O promissor campeão tem 1,70 e pesa 70 quilos, o que é bastante superior à média no Japão.

O seu método de treino — nada cinco quilómetros diários — não o satisfaz: quereria ir até aos sete, mas não o faz porque a sua alimentação é insuficiente pelas dificuldades que o país atravessa.

Se as condições lho permitirem, até onde chegará este adolescente de prodigiosos recursos? Os discutidos métodos japoneses, criando fenómenos precoces, serão ruinosos ou eficientes em largo prazo?

O estádio de Luanda

EM 15 de Agosto passado foi solenemente inaugurado em Luanda o estádio municipal, dotado à capital de Angola pelo espírito empreendedor do capitão Manuel Magro Romão, presidente da Câmara.

A obra realizada, cujo custo deve andar à roda de 1.300 contos, foi unicamente financiada pelo Município com o apoio moral do Governo da Colónia.

Ptem lotação para 25.000 espectadores; a tribuna central, com camarotes e bancadas, comporta 10.000 lugares. O terreno de jogo vai ser relado logo que termine a época de futebol e terá a circundá-lo pistas para atletismo e ciclismo.

Numa entrevista que concedeu dias antes da inauguração, o sr. cap. Romão, preconizou o

Stadium

Breitling
APROVADO PELA AVIAÇÃO PORTUGUESA MR.

intercâmbio frequente entre Angola e Moçambique, a visita de um clube metropolitano por ocasião das festas do Tri-Centário da Colónia e, ainda, a celebração em Lisboa dos Jogos Imperiais.

Parece-nos que o assunto não devia ser esquecido, embora reconhecendo as dificuldades que oferece, a começar pela de encontrar quem assuma, com capacidade suficiente, a iniciativa da sua organização.

A empresa é de vulto e ultrapassa os recursos dos organismos desportivos particulares. Os Jogos Imperiais só podem ser realizados por uma entidade oficial, subvencionada especialmente pelo Estado. Por exemplo a Direcção Geral dos Desportos com a colaboração do Ministério das Colónias.

O êxito dos Jogos, no cenário grandioso do Estádio Nacional, não permite dúvidas; e tão pouco se podem admitir quanto ao seu interesse no sentido da aproximação entre os portugueses de todos os territórios do Império.

Os nossos remadores em Lucerna

O diário francês «L'Equipe», publicou uma série de artigos críticos e técnicos sobre os campeonatos da Europa de remo, celebrados em Lucerna com a participação dos portugueses.

O seu autor, Henri Kordendan, foca com razão e agrado o excelente comportamento dos representantes de alguns países que tenham atravessado recentemente rudes convulsões das quais saíram ainda as dificuldades consequências.

Apreciando o estilo e a classe dos vários concorrentes, consagra aos nossos remadores as seguintes palavras: «de pequena estatura, bem museados, treinados a fundo, remavam muito ligeiramente, mergulhando insuficientemente o remo, mas a uma cadência tal que conseguiram sempre, no final das corridas,

inquietar os melhores. Com tal vitalidade, técnica mais aperfeiçoada, alcançariam ainda melhores resultados do que aqueles, já muito honrosos, que obtiveram em Lucerna».

É bastante significativa e muito honrosa para nós esta apreciação inserida num jornal da categoria de «L'Equipe»; correspondendo por completo as opiniões emitidas na imprensa portuguesa pelos comentaristas nacionais que acompanharam a competição e avaliaram directamente o brioso comportamento dos remadores caminhenses, ela confirma o desejo geral de que lhes seja prestada a necessária assistência técnica, dentro dos modernos preceitos da arte de remar.

Com todas as suas reconhecidas insuficiências, os portugueses conseguiram sempre, da Suíça, inquietar os melhores, escreveu o jornalista francês; não será ousadia afirmar que, devidamente instruídos, passarão a ser dos melhores.

AS NOVAS REGRAS OFICIAIS

ADOPTADAS EM PORTUGAL

A actividade do voleibol vai recomençar em breve com um torneio de encerramento da temporada. Quando o jogo recommençar, no ano próximo, as regras aplicadas serão diferentes das actuais e já em acordo com aquelas aprovadas no congresso de Paris, a quando da fundação da Federação Internacional de Voleibol.

No propósito de tornar conhecidas as novas disposições regulamentares, iniciamos hoje nesta revista uma série de artigos de comentário onde, sucessivamente, exporemos as inovações em relação às antigas regras editadas no país.

A Regra 1.^a, referente às características do terreno não sofre alterações sensíveis; a altura livre de obstáculos nos campos cobertos foi fixada em 3 metros e nos campos ao ar livre exige-se um espaço de 3 metros — desimpedido a toda a volta das linhas circundantes do retângulo de jogo.

A linha central deve ser traçada além dos limites do terreno de jogo, prolongando-se a toda a largura do espaço livre lateral,

Para galar os jogadores e juizes, a linha central será dividida em três partes iguais por meio de pequenos traços perpendiculares; em cada campo traça-se ainda duas cruzes de 30 cm. de comprimento que indicarão a sua divisão em seis retângulos iguais.

Na Regra 2.^a apenas se necessita fixar a altura da rede para as diversas categorias de equipas: para homens, 2,43; para mulheres, 2,24; para infantis, 2,10 metros.

A primeira modificação importante, encontramos-na na Regra 4.^a, relativa às equipas e mecanismo de jogo.

Diz assim, taxativamente, o seu primeiro artigo: «A partida é jogada, quaisquer que sejam as circunstâncias, entre duas equipas de 6 jogadores. A equipa completa, incluindo os substitutos, compreende o máximo de 12 jogadores. Se, por qualquer razão, uma das equipas fica reduzida a menos de seis jogadores, a partida é dada por perdida com a vitória do grupo adversário».

As leis portuguesas consentiam que uma equipa se mantivesse

em jogo apenas com cinco jogadores; esta tolerância desaparece. Em contrapartida adquire o nome de suplentes utilizáveis, de dois para seis; o jogador substituído pode voltar ao campo, ingressando na sua posição primitiva e só uma vez; isto para evitar habilidades tendentes a manter na linha da frente um bom rematador, além das três rotações normais.

Depois de executado o serviço, os jogadores avançados e defesas, que ocupavam os postos respectivos, podem livremente deslocar-se e mudar de posição, mas os defesas é vedado matar a bola à rede ou colaborar no bloco de oposição ao mate.

Os dirigentes oficiais da partida, indicados e especificados nas Regras 5.^a e 6.^a, aumentaram em número: o juiz, desempenha funções de delegado e director de campo, recolhendo os boletins, designando campos, redigindo o relatório das ocorrências e faltas disciplinares.

O primeiro árbitro é o verdadeiro árbitro, quem dirige o jogo; mas tem a auxílio do outro árbitro encarregado de assinalar as faltas de ultrapassagem

da linha central por baixo da rede, de tomar nota da duração das interrupções de jogo e autorizar as substituições de jogadores.

O marcador e os dois juizes de linha mantêm as suas funções actuais.

A lista dos termos técnicos incluída na Regra 7.^a há a acrescentar: «Bloco — é a acção que consiste em tentar a intercepção do ataque adversário logo a seguir à passagem da bola por cima da rede, opondo-lhe qualquer parte do corpo acima da cintura. O bloco pode ser formado por todos os avançados. Se a bola toca um ou mais jogadores formando bloco, será contado apenas um toque mas, neste caso, nenhum desses jogadores do bloco terá o direito de voltar a tocar na bola antes desta haver sido tocada por um adversário ou por um companheiro não incluído no bloco. Só pode ser considerado bloco o conjunto de jogadores bem agrupados. É proibido aos defesas virem à frente para entrarem no bloco».

Esta nova disposição corresponde praticamente a uma medida defensiva, mais eficaz do que a opinião isolada, contra o remate à rede. No congresso de Paris os franceses pugnaram pela liberdade de participação dos jogadores da segunda linha no bloco, porque era essa a sua tática característica; os americanos e polacos opuseram-se, arrastando consigo a maioria de votantes.

Salazar Correia

Podem considerar-se excelentes os resultados obtidos durante a temporada pelos nossos corredores de velocidade e, para que maior seja o agrado, foram em número apreciável os corredores com boas marcas, entre eles elevada percentagem de novatos.

Com quatro homens abaixo dos 11 s. e cinco outros antes dos 11,2 s. (três deles na sua primeira época de competição), podemos considerar-nos ricos numa especialidade onde sempre atingimos mais elevada categoria.

O rei da temporada foi, sem dúvidas, o bracarense sportinguista João Nuno de Moraes, 6 vezes vencedor dos 100 metros em 10,9 s. (em Madrid), por três vezes 10,7 s. e duas 10,8 s.; no encontro com a Bélgica foi batido por Brackman e Nuncio, no mau tempo de 11,2 s., porque se apresentou completamente fora de forma. A regularidade dos seus resultados é impressionante; trata-se, sem dúvida, de um grande corredor de velocidade que, devidamente preparado, pode ser considerado como digno da selecção olímpica.

É extraordinariamente rápido na partida e na primeira metade do percurso; talvez por insuficiência de intensidade no treino, falta-lhe ainda fundo para correr em aceleração todos os cem metros.

Tomás Paquete foi o segundo homem da época, com forma tardia, como mostram os seus tempos sucessivos: 11,3 s. e 11,1 s. em Maio; 10,8 s., 10,7 s., 10,8 s. e 11 s. em Julho e Agosto. Conti-

Análise da temporada de 1947

III — Os corredores de velocidade

nou provando as boas condições do ano anterior; ao contrário de Moraes, quando em forma, tem um final de percurso fulminante.

Manuel Nuncio e Eugénio Eleutério, que apesar de novos são já veteranos na especialidade, igualaram-se; Nuncio foi por três vezes creditado em 10,9 s. e 11,1 s. no match, luso-belga; Eleutério registou quatro vezes 10,9 s., no máximo da regularidade.

Com estes quatro homens forma-se uma equipa de estafeta que valerá um tempo internacional, à volta dos 41,5 segundos.

Notemos apenas os 11 s. de Sampaio Peixoto, que não é corredor de tão curta distância e passemos aos três elementos estreantes, autênticos valores positivos: Myre Dorez, Rui Maia e Paulo Brito.

Myre Dorez, internacional antes de se estreiar em campeonato oficial, sofreu infelizmente uma distensão que o impediu de colher no período mais interessante da temporada o prémio da sua classe. Em Maio correu por duas vezes os 100 metros em 11 s., o que lhe valeu ir a Madrid, onde fez má prova em 11,4 s.; correu os 60 m., como principiante, em 7 s. e os 80 m., como junior, em 9,2 s., 9 s. e 8,8 s., recorde nacional. Nos

150 metros conseguiu 16,6 e 16,4 s., este último tempo não validado porque a pista media 0,80 a menos. É corredor da melhor classe, que ombreará no próximo ano com os consagrados. Considero-o com maiores aptidões para os 200 metros.

Rui Maia começou nos juniores, com 9,1 e 9,2 s.; nos 100 metros registaram-lhe 11,4, 11,1 e 11 segundos, com evidente progresso para a final da temporada. Paulo Brito correu os 60 metros em 7,2 s., os 80 metros em 9 s., os 100 metros em 11,5 e três vezes 11,1 s. e os 150 metros em 17 segundos. Ambos são naturalmente rápidos e susceptíveis de ingressar na falange dos melhores.

Jorge Machado, que reapareceu após um ano perdido, conseguiu duas vezes 11,4 s. e 11,2 s.; é um corredor interessante, mas barrado pelos precedentes. Foi muito prejudicado pela interrupção de actividade em 1946.

Todos os nossos «sprinters» fraquejaram, como é tradição nos 200 metros; aos 10,8 s. nos 100 metros correspondem 21,9 s. nos duzentos, de onde se conclui que os portugueses, por falta de fundo, perdem de uma para outra prova, cerca de um segundo, de que é responsável a errada preparação.

Duzentos metros devem considerar-se, em realidade, velocidade prolongada e, como tal, o regime de treino adequado não pode resumir-se apenas ao estímulo da rapidez. Coração, pulmões e músculos devem ser habituados ao esforço violento durante mais de duas dezenas de segundos.

Embora Moraes conseguisse o melhor tempo (22,7 s.) e tivesse batido Sampaio Peixoto no Nacional (23,1 s.), consideramos o português (cujos tempos foram 23,1 s., 23,2 s., 23,6 s. e 22,8 s.) o melhor especialista português na distância; poderoso, combativo, rápido e resistente, já devia ser senhor único do recorde nacional.

Eugénio Eleutério, com 23,2 s. e duas vezes 23,1 s., provou suas aptidões; talvez por deficiente condição física teve sempre dificuldade em acabar as provas.

Os outros corredores melhor classificados, são todos já experientes: Nuncio (que nunca treinou o suficiente para o máximo rendimento de suas virtudes), Matos Fernandes, Tomás Paquete, João Jacinto. O único novato que experimentou a distância foi Myre Dorez, cujos 23,8 s. estão longe de corresponder à realidade dos seus recursos.

S. C.



Uma fotografia e uma biografia

ESTA é a primeira fotografia da viagem de Diamantino Vizeu, na sua chegada a La Guardia, no avião da Pan American World Airways, a caminho do México.

O nosso homem já sorri, que os portugueses, fora da sua terra, são «tourjours gais» — como dizem os franceses — e Diamantino, apesar de ter fama de triste, não quis fugir à regra. Depois de tourar em Espanha e em França, vai fazê-lo na América. É um novo homem, no Novo Mundo. E desde aqui brindamos aos americanos uma rápida biografia de Diamantino Vizeu, «the leading bull-fighters».

Diamantino Francisco Martins Vizeu nasceu no dia 21 de Julho de 1925 na Rua Damasceno Monteiro, 58, no Bairro da Graça desta cidade de Lisboa. Ainda estudante, e filiado na Mocidade Portuguesa, escreve um livro «Rapazes de hoje», e, apesar de ter de começar a sua vida numa oficina, continua com a ambição de ser alguém, toureiro, talvez. E começa toureando; mas, tudo seria talvez inútil se lhe não aparecesse como «apoderado» Feliciano Cerecê Ferreira, filho dum falecido toureiro sevilhano, «Funtarel». E em 1944 foi para Sevilha que levou Diamantino, que ali havia de debutar em plena Feira e cortando orelhas!

Em 1924 puzera-se pela primeira vez diante dum touro — numa praça do Palácio Fronteira — e em 29 de Junho de 1944, em Toledo, vestia pela primeira vez um «traje de luca» que pertencera a «Manolete», branco e preto. Uma semana depois voltava a vestir-se de toureiro em Toledo, e a seu lado tinha, como peão, um grande toureiro, «Niño de la Palma», que o havia de abandonar pela humaníssima razão de ter que cuidar doutro toureiro que é seu filho, Cayetano Ordoñez, também com quem agora anda pelas Américas. Agora é António Correia que o acompanha ao México.

Nós, que sempre desejámos um matador de touros português — e que o desejáramos antes de existir numa novela — acreditámos em Diamantino quando o vimos naquela novilhada da Feira de Sevilha frente a um touro de 280 quilos. E quando ele depois, no Campo Pequeno, nos brindou uma «faena», correspondemos-lhe com um cartão em que escrevemos que o acompanháramos sempre.

É com fé que confiamos no seu triunfo agora, no México, para onde tomou o avião, como na fotografia se vê, alegre e confiado.

E confiado pode estar. Assim o deixem tourear os seus inimigos da primeira tarde, e amigos, e admiradores não lhe faltarão no México onde se apreciam os toureiros valentes, como ele.

Muitos toureiros mexicanos temos aplaudido em Portugal, e bem está que os mexicanos aplaudam agora o primeiro matador de touros português que lá vai, o primeiro que temos, doutorado em Barcelona por um sevilhano que no México bem conhecem, «Gitanillo de Triana».

Em Diamantino estivemos pensando durante um festival, no sábado, no Campo Pequeno, com dois rapazes que aspiram seguir o seu exemplo: Etelvino Laureano e António José de Oliveira, ambos cheios de vontade. Ao primeiro já vimos matar na sevilhana «Pañoleta» e ao segundo, tourear no seu «tentadero» da Baracha, em Samora Correia. Antes estiveramos falando com outro que vai à frente, e que segue no dia 6 para o México, onde Carlos Arruza lhe dará alternativa: Manuel dos Santos. Dele nos ocuparemos também, no próximo número de Stadium.

Rogério Pérez

Diamantino VIZEU

A qualidade superior; a conservação do motor do seu carro que com o menor esforço lhe proporcionará a maior segurança; e a protecção eficaz do material e sua impecável conservação,

SÃO AS TRÊS GARANTIAS
QUE FAZEM DA LUBRIFICAÇÃO

Sonax

a lubrificação que se impõe!

Sociedade Nacional de Petróleos

Gazolina
Petróleo
Gazoil
Lubrificantes

Massas consistentes
Vazelinas
Parafinas
Asfaltos

Rua D. Pedro V, 80
LISBOA

Rua de Santo António 45,
PORTO

Rua da Sofia
COIMBRA

34.ª Salão Automóvel

Os carros pequenos

Devido à ocupação do Grand Palais pela Conferência dos Deputados, o 34.º Salão do Automóvel, em Paris, sómente foi inaugurado na passada quinta-feira.

Procuraremos surpreender os aspectos mais curiosos do referido Salão. Por exemplo, o domínio dos carros pequenos — a indústria automóvel francesa revela, mais uma vez, o seu engenho e futilidade inventiva.

Qual o valor real destes «brinquedos» tão elogiados e tão desacreditados também? A desconfiança do público, acima de tudo estrangeiro, provém muitas vezes das designações em CV que lhes são impingidas: 3CV, 5 CV... Isto faz sorrir. Mas basta pensar que se trata de CV «potência fiscal francesa», quer dizer, de uma convenção que não corresponde à realidade mecânica. Com efeito, esses carros têm potências que vão de 15 a 25 CV, o que lhes confere as características de emprego de um carro autêntico, cómodo, seguro e rápido. Se, por outro lado, os interessados se cingirem às velocidades médias — e os automóveis pequenos não são feitos para as grandes velocidades — a sua robustez é igual à de um automóvel «medianos» com a vantagem da despesa média ser muito menos elevada.

Entre esses carros, o Renault 4 CV, o Panhard, uma nova realização de Sime, o Simca, e o Robin, estarão prontos a ser fabricados em série nos princípios de 1948.

O Motocar Robin é o mais pequeno dos novos veículos automóveis franceses. É o tipo de carro muito económico que representa o meio termo entre o motociclo e o automóvel. A sua carroçaria bilogar descoberta possui uma grande elegância de linhas. Está equipado com um motor à retaguarda de 2 cilindros horizontais opostos, que lhe permite médias em estradas de 55-60 kms. por hora com grande regularidade e funcionamento excelente. Gasta 4,5 litros aos 100 quilómetros.

Vamos, além dos modelos indicados, ao XXXIV Salão do Automóvel, vários protótipos: o novo Grégoire, os Clancou, Dole, Georges Iral, Julien Baillet... Muitos deles representam a sobrevivência, apesar das dificuldades atuais, do fabrico artesanal que fez a glória da manufatura francesa. São, para o verdadeiro amante do que o fato de alfaiate de nomeada é para o homem janota: a carro que se pode mandar fazer por medida...

O futuro do F. C. do Porto

(Continuação da pág. 12)

— Já lá vamos. Falaremos na altura própria, quando passar pelos seus olhos os números do Dias Ferreira. De qual, seguimos para as nossas instalações desportivas — ponto nevrálgico de muita discussão que nem sempre foi ordenada e correcta. Por felicidade, o ambiente não chegou a destruir os nossos projectos e nem a satisfação que todos devem sentir nesta altura.

400 contos em obras no campo histórico da Constituição

«Primeiro, deixe-me dizer-lhe que o F. C. P. jogará o Nacional no «histórico» Campo da Constituição, — como já lhe chamo. Não é novidade, bem sei. As obras já começaram e vão entrar em ritmo acelerado, porque a grande prova aproxima-se. Gastaremos cerca de 400 contos. Teremos, em volta do terreno de jogo: — uma fila de camarotes para a imprensa, directores do F. C. P., Associação, honorários, etc. — Embora esteja localizado no mesmo sítio onde já existia um corredor de madeira, que foi inutilizado agora, ficará com todas as condições de segurança e arrumação. No sítio onde existia a bancada apreciará outra, em cimento armado e madeira, forte, tendo por baixo balneários isolados do público, embora os balneários da Constituição, à entrada do campo, paredes meias com a rua do mesmo nome, sejam excelentes.

«A entrada do campo haverá lugares mistos: bancada e peço, com a esquadra fortemente elevada. Na parte Norte, também por detrás das balizas, — novo peço elevado e cómodo. Graças à extraordinária dedicação e espírito de ajudar tudo quanto seja do Porto que encontramos na considerada «Opca», com instalações pegadas, é aberto um caminho em direcção à Rua Bela de Quental. Assim, as duas entradas pela Rua da Constituição janta-se mais esta, e esperamos que tudo se facilitará o melhor possível em dias de grandes jogos. O F. C. P. e o seu público não podiam viver eternamente a esmolar, e daí a nossa decisão, irrevogável após o jogo Porto-Vasco da Gama do Rio de Janeiro, de pensar no velho terreno de há muitos anos.

— Quantas pessoas levará, portanto...

— Devemos ter campo para 20.000 pessoas. Não aceitaremos mais de 8.000 sócios. E tudo fica arrumado quanto ao Campo da Constituição, que terá ainda instalações para o basquetebol.

Estádio das Antas...

«Passaremos ao Estádio das Antas, que de outro não pode tratar-se. Já entregámos 200 contos ao proprietário do terreno. Receberemos 1.500 contos da Câmara Municipal, como pagamento do terreno da Vilarinha, que vendemos. Ora, como o das

Antas nos custa 1.600 contos, fica arrumada esta questão da compra, com o proprietário, e isso comunicaremos aos associados na próxima assembleia geral.

«As planas estão a ser estudadas, visto ser necessária uma rectificação. Como se sabe, abandonámos o plano da Arca, porque os terrenos pertenciam a vários proprietários e uma nova lei de expropriação complicava este caso. Graças à deferência da ilustre Câmara Municipal do Porto e também à valiosa ajuda do Ex.º Sr. Governador Civil, tudo estará pronto no fim do ano. Até lá entraremos em «ponto morto», como é natural, e aproveitaremos este espaço de tempo para vigiar tudo quanto diz respeito às obras e exploração do Campo da Constituição.

— Mas as obras do Estádio ficarão dispendiosas...

— Por cerca de 10 mil contos. Estará tudo previsto. Resolvendo pequenos problemas, recebendo-se autorização para construir, começaremos imediatamente! Contamos com valioso auxílio oficial e com as nossas próprias posses. O F. C. do Porto tem arrebolição séria e não há motivo para medos.

A linguagem dos números

Elói Silva apresenta-nos mapas sobre mapas. Mostra-nos o esquema de receitas e despesas que os sócios vão apreciar no lugar próprio. O clube deseja guiar-se por um orçamento, enquanto estiver no Campo da Constituição, e pelo mapa que se publica em separado, no fundo da página, podem os leitores apreciar convenientemente aquilo a que se chama «linguagem dos números».

— As quotas vão ser alteradas. Ficará o clube com uma receita ordinária de 1.192.725\$00. Com a receita extraordinária, — 1.662.725\$00.

«Mas os encargos gerais são grandes e vão a seguir indicados: Secretaria — 64.800\$00; Material de escritório — 30.000\$00; Transportes e comunicações — 12.000\$00; Água, luz e limpeza — 6.000\$00; Propaganda e publicidade — 10.500\$00; Diversos — 32.925\$00; Campo da Constituição — 80.800\$00; — Ginásio — 76.000\$00; Encargos do futebol — 674.700\$00; Ciclismo — 70.000\$00; Andebol — 30.000\$00; Basquetebol — 25.000\$00; Atletismo — 25.000\$00; Natação — 20.000\$00; Outras modalidades — 35.000\$00. «Eis quando contamos gastar com as modalidades que o F. C. do Porto pratica. O futebol levamos grandes dinheiros nas deslocações da equipa. O há — 6 viagens a Lisboa — 48.000\$00; 2 viagens ao Algarve — 40.000\$00; 1 viagem a Elvas — 16.000\$00; e por aí além...

«Entretanto aplicaremos os 470 contos das receitas extraordinárias da seguinte maneira: 10% para uma escola de infantis — 47.000\$00; 20% para fundo de aquisições enquanto a escola de infantis não alimentar as co-

Ecos...

No próximo ano abandonará a actividade desportiva o atleta Martins Vieira.

«Recordman» e campeão português e ibérico, em várias especialidades do atletismo, conseguiu ultrapassar «a casa dos trinta» com um vigor físico e uma tenacidade dignos de serem imitados por muitos que começam. Isso lhe valeu ser apodado de «homem que tem o segredo da juventude». Por que muito deve ter recolhido na sua longa carreira de atleta, ragbista e até jogador de futebol, saudamo-lo com o desejo de que prodigalize aos outros os ensinamentos que colheu.

«Dove reaparecer em breve, já refeito da lesão que o afastou das competições durante bastante tempo, o correcto e simpático jogador «belenense» Rafael Carreira. Folgamos sinceramente ao facto, desejando-lhe a rápida recuperação da «forma» que o tornou «intencional» indiscutível.

DE LUTO

Morreu, ainda novo, pois contava 55 anos, uma bela figura do desporto, o major Joaquim de Sousa Martinho que, leão de raça, sócio n.º 59 do Sporting, sómente contava amigos em todos os sectores ou clubes. Uma terrível doença cortou-lhe brutalmente a vida, e não mais o veremos na sua invulgar simpatia e no seu pessoalíssimo optimismo.

Joaquim Martinho era uma grada figura leonina. Ocupou a chefia do clube, e no último exercício a presidência do Conselho Fiscal. Foi também presidente da A. F. L. e da Comissão Distrital de Arbitros. Mas ele era, acima de tudo e de alto a baixo, um adepto, de tipo puro, amante do jogo, e, como tal apaixonado do clube até à medula. Paz à sua alma.

categorias superiores — 94.000\$00; 10% para fundo de assistência a atletas incapacitados, por acidentes sofridos em actividades desportivas — 47.000\$00; 60% para fundo pré-campo — 282.000\$00.

«Parece que disse tudo! Na assembleia geral extraordinária dir-se-á o resto, que pouco interessará já ao grande público, e pode ter a certeza de uma coisa: — O F. C. do Porto prepara-se para uma prova dura, muito difícil, mas por isso mesmo digna de um organismo com as suas tradições.

Assim será, naturalmente. O grande clube do Norte, que já do país, há-de continuar pelos tempos lórá a demonstrar-nos que as suas iniciativas são fortes e procuram colocar o desporto nacional em lugar seguro e honroso.

R. T.

NOTA DA SEMANA

A primeira vez que houve lembrança de irradiar pelo espaço, à custa da emissão radiofônica, os pormenores circunstanciados das competições desportivas não faltaram vozes decedentes.

Era ponto assente que tal processo havia de trazer grandes desvantagens, casando o público dos campos de jogos e estimulando-o a ouvir, instalado na própria casa, as peripécias dos desafios. As receitas baixariam até um nível incompatível com as despesas forçadas, originando a asfixia das organizações e dos jogadores, se tal ideia revolucionária tomasse vulto.

Apesar de tão lógico raciocínio viu-se precisamente o polo oposto. A radiodifusão tornou-se um estímulo e uma das melhores armas da propaganda, com a virtude de se estender longe e depressa.

Um problema perfeitamente semelhante se propõe, agora, com a televisão. Na semana finda, a B. B. C. — organismo monumental que monopoliza em Inglaterra as emissões de T. S. F. — dispusera-se a transmitir o desafio entre o Charlton e o Chelsea, efectuado no último sábado, e para o efeito obtivera já o consentimento dos dois clubes.

Quando a notícia se tornou pública, produziu-se entre os outros filiados da Liga uma efervescência considerável, de protesto contra a ideia, porque afectara os interesses dos mesmos clubes. O assunto foi discutido em assembleia e a maioria levou a melhor, opondo-se à televisão dos jogos de Campeonato.

A B. B. C., informada, acto contínuo, procurou reagir, mas inutilmente, porque a competência sobre tal matéria cabe ao comité directivo, que já se pronunciou.

Este incidente põe em equação, mais uma vez, o velho problema da rotina contra o progresso. Cabe-nos perguntar: durante quanto tempo se manterá a proibição?

Sim, porque, como é óbvio, o futebol não é como a música nem o cinema, duas artes especialmente criadas para recreio do ouvido e da visão. Só a realidade, nua e crua, poderá satisfazer os cinco sentidos, a imaginação e a emotividade — esta, sobretudo — e, por consequência, só aqueles apaixonados que não possam comparecer deixarão de estar presentes nos grandes acontecimentos.

Sendo assim, para que servirá entrar uma tentativa que vingará inevitavelmente dentro de algum tempo?

R. B.

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

BOXE

Em Espanha

Celebrou-se em Valência — o terceiro centro importante do pugilismo espanhol — uma sessão de boxe na qual intervieram Luis Romero, duplo titular, que venceu por pontos o nosso conhecido Young Ciclone, e Ben Buckner, cujo combate com Llaer foi duríssimo e arrancou uma sangrenta vitória pontual.

Assistiram os jogadores do F. C. do Porto, a quem o público aplaudiu.

Billy Thompson, campeão de Inglaterra

Em Liverpool, efectuou-se um combate para disputa do título de campeão dos «leves» de Inglaterra, sendo adversários, Stan Hawthorne e Billy Thompson.

Este último, bastante afamado pela violência dos seus golpes, alcançou rotunda vitória por K-O ao 3.º round.

Na América

Chegou a este país um novo peso-pesado argentino, Angel Sotillo, em pesquisa de dólares e glória. A sua estreia está anunciada para 31 do corrente, contra

um jogador de nome mas decadente, Phil Muscato, e durará oito assaltos.

Joe Weidn, triunfador em Bruxelas

O jovem pugilista austriaco Joe Weidn (88 kg.) triunfou no torneio entre pesos-pesados

que se realizou em Bruxelas e ao qual concorreram dezasseis figuras entre italianos, franceses, belgas e holandeses.

A última vítima de Weidn foi o campeão de França, Esteveam Olek, que partia favorito mas terminou derrotado por pontos.

Outro finalista, o belga Robert Eugène conseguiu derrotar o frágil campeão do seu país Piet Wilde, por abandono ao sétimo round.

FUTEBOL, na Grã-Bretanha

Cardiff, a cidade carvoeira do País de Gales, assistiu novamente à derrota dos representantes do principado que enfrentaram o grupo inglês. No curto intervalo de quinze minutos, as redes do *team* galense foram tocadas por três vezes, e a história de Lisboa (ou a dezena de tentos, se o leitor preferir...) não se repetiu para não afligir os cinquenta e cinco mil conterrâneos que assistiram ao *match*.

Matthews, brilhou fulgurantemente. Todo o flanco esquerdo e defensivo da Gales viveu minutos de amargura e desorientação, tal foi o domínio de bola do maquiavélico avançado. Os defesas, Barnes e Lambert, mais o guarda-redes, Sidlow, mostraram-se impotentes para repelir os sucessivos ataques da linha dianteira inglesa.

Lawton marcou um tento imparável; Mortensen fez outro, de grande subtilidade, e Finney executou o primeiro, cruzando inspiradamente uma bola. Depois disso, o *team* inglês contentou-se em exibir a sua técnica e anular os porfiados esforços dos adversários, cuja tenacidade jamais se quebrou.

ATLETISMO

Os Campeonatos Pan-Americanos

Iniciaram-se em Buenos Aires, com desuado brilho, as provas atléticas deste clássico certame. Durante a primeira meia-final da corrida de 100 metros, o corredor uruguaio Juan López triunfou com folgado avanço, no tempo excepcional de 10.2 s. que iguala o recorde do Mundo da distância.

Outro resultado digno de registro foi o que obteve o brasileiro Gerardo Oliveira no triplo-salto, franqueando a distância de 14.87 metros.

Este veterano atleta já conseguiu saltar 15.21 m e apresta-se para figurar nos Jogos Olímpicos de Londres.

Outro concorrente muito notável é o argentino Henrique Kistenmacher, triunfador do decatlo, com 7011 pontos, e que progride continuamente nesta especialidade.

A juntar a estes nomes é justo fazer referência aos meio-fundistas Torres e Palmeiro.

Torres alcançou já, nos 800 metros, o óptimo tempo de 1 m. 53.7 s. enquanto que Palmeiro conseguiu 3 m. 57 s. nos 1.500 metros.

Conforme já dissemos no último número, o Arsenal derrubou todos os prognósticos no último desafio da Liga. Oposto ao Wolverhampton W., fora de casa e sem três importantes elementos, a sua derrota apresentava-se tão clara e inevitável como o dia e a noite. A sorte quis precisamente o contrário, protegendo o famoso clube londrino. Os jogadores substitutos fizeram uma excelente figura — sem excepção! — e o guarda-redes, Swindin, defendeu o possível e o impossível. Resultado: 1-1, depois de 80 minutos consecutivos de domínio dos Wolves.

Assim, com 9 vitórias e 3 empates, no total de 12 jogos, o Arsenal segue à frente da classificação com 21 pontos.

Em segundo lugar o Preston N. End, a um ponto de diferença (e mais um desafio disputado). Sofreu, fora de casa, um empate imposto pelo Grimsby Town, clube da cauda do lote.

Blackpool sentiu a ausência de Matthews, embora vencedor do Poartsmouth (1-0), mantendo-se em 3.ª posição com 17 pontos.

Burnley, um promovido, e Wolves ocupam os 4.º e 5.º postos, com 15 pontos. O primeiro, triunfou do Blackburn Rovers e o outro perdeu com o Arsenal...

A lanterna vermelha continua a ser o Bolton, e perto dele vai o Stoke City. Charlton, Aston Villa e Derby County, conservam-se a meio da escada, sítio cómodo que garante a permanência na 1.ª Divisão.

Na 2.ª Divisão, vai à cabeça o West Bromwich Albion, a três pontos do Birmingham City e do Cardiff City, que vão a par. Na 3.ª Divisão (Norte), o Hull City e o Lincoln City seguem lado a lado, embora o último leve um jogo a menos. Na mesma Divisão (Sul) o Queens Park domina o conjunto, com 4 pontos sobre o Bristol City.

O ESTORIL *ganhou com dificuldade*



Fotos: MANIQUE

1



2

Fases do jogo Estoril-Atlético, que o primeiro venceu no seu campo da Amoreira:

1 — Ernesto lança-se vigorosamente e evita que a bola chegue às redes.

2 — Mota, de cabeça, remata às balizas do Atlético.

3 — Lourenço em boa posição, prepara-se para dominar um adversário.



3



Encerrou-se o ano de natação, no S. A. e Dafundo. Os praticantes despediram-se da época, com algum aborrecimento, claro está. No entanto, Regina Luís Mendes, do S. A. D. e Gracinda Almeida, do Estoril Praia, resolvem ainda uma questão de superioridade em plena piscina.



Um dos últimos números do programa de festas do aniversário do G. D. de H. Valtter & C.ª: — a parada atlética

ARCÁDIA

O DANCING
N.º 1
DA CAPITAL

Amanhã despedida da grande atracção

BALLETT CIMARRO

Em pleno triunfo

IRIS et RIBEIRO

HERMANAS APARICIO

ORQUESTRA ARCÁDIA com o vocalista ANTÓNIO CUNHA

O famoso estilista argentino

JORGE CARDOSO

com CHOVA y sus MUCHACHOS

Abertura às 22 horas — 1.ª Parte de variedades às 24,15 horas